

BENEVENUTO CELLINI

OS MANDAMENTOS DO ESCOTEIRO



2010
25 ANOS DO CCME
100 ANOS DE ESCOTISMO NO BRASIL



**CENTRO CULTURAL DO MOVIMENTO ESCOTEIRO
CCME**

OS MANDAMENTOS DO ESCOTEIRO

B. Cellini

2010

COMPROMISSO DO ESCOTEIRO

Prometo pela minha honra:

- 1 - Proceder em todas as circunstâncias como um homem, consciente dos seus deveres, leal e generoso.
- 2 - Amar a Deus e a minha Pátria; servi-la fielmente na paz ou na guerra.
- 3 - Obedecer ao Código do Escoteiro.

CÓDIGO DO ESCOTEIRO

Art. 1º - A palavra de um escoteiro é sagrada. Ele coloca a honra acima até mesmo da própria vida.

Art. 2º - O escoteiro sabe obedecer. Compreende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral.

Art. 3º - O escoteiro é um homem de iniciativa.

Art. 4º - O escoteiro aceita, em todas as circunstâncias, a responsabilidade de seus atos.

Art. 5º - O escoteiro é leal e cortês para com todos.

Art. 6º - O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmãos, sem distinção de classe social.

Art. 7º - O escoteiro é generoso e valente; sempre pronto a auxiliar os fracos, mesmo com perigo da própria vida.

Art. 8º - O escoteiro pratica todos os dias, uma boa ação, por mais modesta que seja.

Art. 9º O escoteiro estima os animais e se opõe a toda crueldade contra eles.

Art. 10º - O escoteiro é sempre jovial e entusiasta e procura o lado bom de todas as coisas.

Art. 11º - O escoteiro é econômico e respeitador do bem alheio.

Art. 12º - O escoteiro tem a constante preocupação de sua dignidade e do respeito a si mesmo.

Aos Pais de meus jovens patrícios

POR QUÊ? PARA QUÊ?

Por quê?

Aos treze anos de idade me veio ter às mãos um livro de **D. Antonio de Trueba**, que se intitulava **A Lei de Deus**. Em dez narrativas de cativante interesse e dulcíssimo sabor, o notável prosador espanhol punha em ação, vigorosa e nitidamente, os Dez Mandamentos da Lei Divina.

Tal foi a impressão que me causou a leitura desse livro, que ainda hoje... (Quantos anos? Quantos... se passaram já!...) perdura, em meu coração e no meu espírito, o benefício que dela me adveio.

Confesso que, somente nessa ocasião, compreendi e admirei a perfeição daqueles dez artigos de lei, que encerram em si toda a felicidade do homem na terra.

Agora, meditando sobre a nova lei – a do escotismo – que sem diferir da Lei Divina, na essência, traduz em fórmulas novas os deverem que incumbem à crença – e a muitos homens também – para

conduzi-la à perfeição de poder assimilar e cumprir a Lei de Deus, é que me veio à memória o livro que, na infância, tanto me deliciou...

Doze contos, singelas narrativas, nas quais fossem apresentados ao vivo, exemplificados, os doze artigos do Código do Escoteiro, seriam – não o par, o **pendant** do livro de D. Antonio de Trueba – e isso porque lhe faltaria o principal, o preparo e a competência do narrador – mas um simples reflexo, embora pálido, da **Lei de Deus**.

E como nem só aos audazes ajuda a fortuna, senão que também aos tímidos a crença auxilia, resolvi escrever minha desentoadada algaravia, o que ao adiante poderão ver.

Para quê?

Já fui instrutor de escoteiros, acompanho de perto ainda o trabalho pertinaz de outros instrutores, e que sempre verifiquei a dificuldade que sobrevém àqueles que ensinam o escotismo, quando se trata de motivar e analisar o Código, artigo por artigo, como é necessário fazer. Não é que faltem aos instrutores em geral habilidade e competência pra tal empreendimento; mas à própria crença apraz melhor o exemplo, o espelho em que ela possa ver - como em tela de cinema – o desenrolar do sucesso, do fato que lhe é contado, enunciado, do que compreender, de oitiva, disposições que lhe ficam no ouvido e na memória, mas cuja aplicação à realidade e resultados benéficos, quase sempre ela não alcança.

No seu enunciado simples e conciso, cada artigo do Código do Escoteiro contém um mundo de considerações filosóficas, problemas de moral e de psicologia, que não é fácil esmiuçar e demonstrar pelo seu lado prático... E a teoria é banida do Escotismo!

Somente o exemplo, a imagem incisiva e por assim dizer palpável pode, de relance, impressionar os cérebros e os corações infantis.

Colocando essas doze narrativas no terreno da realidade, das coisas que acontecem, que podem ser feitas; apresentando-as em linguagem desataviada e de rápida compreensão, quis dar aos meus queridos patrícios em livro de contos, de leitura amena, e que eles pudessem percorrer com o olhar, recebendo ao mesmo tempo, e sem querer mesmo, a emoção súbita que lhes prenderá a atenção e lhes conduzirá o espírito à repetição – **em mente** – dos artigos do Código, que eles vêem postos em prática, como **coisa acontecida**.

Não sei se conseguirei o meu intento, se farei vibrar ao menos um dos pequenos corações brasileiros, aos quais me dirijo. Se não o conseguir terei, quando menos, oferecido às crenças da minha terra uma distração, uma leitura mais aproveitável do que as proezas inverossímeis e malsãs de um gatuno qualquer ou de qualquer policial, mais ou menos idiotas, que só lhes conduzem o pensamento para longe do Dever, da Realidade e... o que é mais triste... da Moral.

Será gabolice minha o que acima escrevi? Talvez. Aí está o livro, com todos os seus e os meus defeitos. Se algum menino o ler até o fim, dar-me-ei por perdoado na minha audácia em tê-lo escrito.

1926.

BENEVENUTO CELLINI.

(na Selva: Jaboty – etê)

**A todos os Chefes e Instrutores
De
Escotismo, no Brasil,**

***Insignificante homenagem
do colega e camarada***

**Benevenuto Cellini
(o Jaboty – etê)**

Os Mandamentos do Escoteiro

(O Código em ação)

ART. 1º

“A palavra do escoteiro é sagrada. Ele coloca a honra acima de tudo, até mesmo da própria vida.”

I

Julio era um menino de treze anos, filho do carpinteiro Jeremias, pobre operário que, com um esforço inaudito, vencendo mil dificuldades, trabalhava do romper do dia à noite fechada, para poder manter-se a si e aos dois filhos – Julio e uma irmãzinha – que sua esposa ao morrer, tanto lhe recomendara.

Na vila de S. onde residia pouco trabalho lhe ia ter às mãos, e a não ser as encomendas amiudadas que, mais por disfarçada caridade do que por necessidade, o doutor Silveira, o médico, “Providência dos Pobres”, como era chamado – da cidade próxima lhe fazia, o pobre Jeremias teria morrido já de fome.

Julio auxiliava o pai em quanto lhe era possível, nas folgas que lhe davam na escola primária da vila e os exercícios do grupo de escoteiros, que na próxima Veranópolis, a cidade do distrito – funcionava e ao qual ele estava filiado, por indicação do Dr. Silveira ao

pai do menino. Julio sobressaía entre os companheiros pela sua mansidão, aliada à rara energia de caráter, que o tornava sempre o primeiro de sua classe e igual aos melhores escoteiros.

Entre as atribuições constantes de Jeremias, figurava o aluguel do casebre remendado em que ele estabelecera sua oficina, residindo nos fundos. O proprietário dessa e de outras habitações da vila era o solicitador, (que se intitulava doutor) Serapião, advogado de causas escusas e que, cabo eleitoral de nomeada, vivia isolado em uma fazendola dos arredores, somente cercado de capangas, assassinos e turbulentos foragidos da justiça e que ele protegia e acoitava.

Todo mês parava à porta do pobre carpinteiro um daqueles maus sujeitos, montado em cavalo arreado à gaúcha, que lhe trazia o recibo dos 30 mil réis do aluguel. E Serapião não queria desculpas. Era dinheiro sempre, aliás, o que o portador levava. E com ameaças e outros meios o Serapião tinha em cada inquilino um seu eleitor à força, de modo que, em vésperas de eleição, ele mandava um dos seus capangas de confiança entregar a chapa com o nome do candidato dele, Serapião: e ai de quem resmungasse, era logo despejado de sua cabana e ficava sem teto da noite para o dia.

Ora, aproximava-se justamente o dia das eleições para uma vaga de deputado estadual e Jeremias já esperava resignada a visita obrigatória do portador do voto que, à ordem de Serapião, ele deveria ir colocar na urna, anulando assim a sua vontade, o seu arbítrio, a sua independência! ... Mas o que não faria Jeremias pelos filhos?

Nessa tarde, em que Jeremias, depois de haver terminado a sua modesta refeição, respirava um pouco, à porta da casinha, antes de retomar o trabalho, o Dr. Silveira fazendo estancar a sua charrete à porta do carpinteiro, atirou as rédeas ao pescoço do pônei e saltando para junto do operário, que se descobrira, lhe disse alegremente:

- Olhe, mestre! Temos novidade. Nunca me meti em política, como você sabe... mas os meus amigos e meus clientes fazem questão fechada e eu conto também com o seu votinho para deputado hein?

O carpinteiro estremeceu. Devia mil obrigações àquele homem, que o auxiliava de todos os modos, que lhe presenteava os filhos, que o tratava e às crianças gratuitamente, fornecendo até os medicamentos e a dieta muitas vezes... e tinha que dar o voto ao candidato do Serapião, que não tardaria com a sua visita habitual! Jeremias, entretanto, respondeu sem hesitar:

- Cumprirei o meu dever, Sr. Doutor!

II

No dia seguinte pela manhã, pouco depois de ter o Julio partido para a escola, parou à porta do Jeremias o esperado emissário do Serapião, que encostando o cavalo à única janela da casinha gritou para o carpinteiro:

- Olá, seu Jeremia. Bom dia...

- Bom dia! Respondeu o pobre homem sem levantar a cabeça.

- Escuite aqui.

Jeremias suspendeu a enxada com que escavava o Taboão sobre o banco de carapina e disse:

- Pode falar.

- O Dr. Mandou le dizê que depois de amanhã espera o sinhô na boca da urna, tá entendendo?

- Estou.

- Então eu digo que o sinhô vai?

- Diga... que eu vou cumprir o meu dever.

- Tá bem. Gosto de home assim decidido. Passar bem.

E colhendo as rédeas o sacripanta continuou a jornada de intimação dos inquilinos do Serapião.

O carpinteiro acompanhou-o com os olhos, depois voltando ao seu banco de trabalho cravou com firmeza a enchó no Taboão, repetindo:

- Vou cumprir o meu dever!

À tarde, quando Julio voltou da escola, o pai desabafou-se com ele, pois era seu confidente habitual. E preveniu-o de que talvez tivessem que abandonar aquele pouso, onde morrera a querida mamãe do Julio, porque Serapião não o perdoava!

O menino ouviu o pai com gravidade e depois, risonho, acariciou-lhe as barbas e disse-lhe:

Papai não se aflija! Cumpra o seu dever, como disse. Vote no Dr. Silveira, que afinal é nosso amigo e protetor!

- Meu Julinho! Respondeu o Jeremias abraçando e beijando o filho. Falaste como um homem. Deus providenciará quanto ao resto.

Depois de jantarem, enquanto Julio e sua irmãzinha mais moça de que ele, mas já dona de casa pela ausência da mamãe, arrumava a modesta baixela do carpinteiro, este voltando à oficina ouviu a voz muito conhecida do Dr. Silveira, que se anunciava:

- Pode-se entrar?

- Sr. Doutor; esta casa é sua... disse o carpinteiro indo ao encontro do médico.

- Minha não! É do tratante do Serapião! Pilheriou o Dr. Silveira. Mas vamos ao caso!

- O que ordena o nosso bom amigo?

- Eu ordeno que você me preste atenção.

- Sou todo ouvidos, Sr. Doutor.

O médico, limpando com a mão os cavacos e a serragem da ponta do banco, passou a perna direita sobre ele, apoiando o corpo sobre a outra perna e pondo a mão no ombro do carpinteiro falou:

- Jeremias, vou precisar de um grande serviço teu.

- Será uma felicidade para todos nós...

- Tu sabes que eu não entendo de política. Nunca me ocupei disso. Só agora os amigos me meteram nesta enrascada. Mas eu não sabia que tu eras eleitor do Serapião.

- Sr. Doutor, eu voto em quem eu quero...

- Tá! Tá! Tá!... Retiro o pedido que te fiz ontem, que não quero a tua desgraça. Vota no Serapião, homem, senão estás na rua, tu e os teus!

- Eu já decidi Dr. Para mim era indiferente que fosse eleito fulano ou beltrano; agora, porém, o caso muda de figura...

- Mas Jeremias...

- Peço-lhe perdão, Sr. Doutor. Eu já respondi ao recado do Serapião.

- Disseste que ias votar em mim?

- Não senhor. Disse que ia cumprir o meu dever.

- Bem, não insisto. Depois há de se dar um jeito. Mas vamos ao serviço que preciso de ti.

- Diga, Sr. Doutor.

- Quero que me empreste o Julio!

- O senhor manda em todos nós. Julinho! Chamou o carpinteiro.

- Espera homem. Vou te dizer...

- Não quero saber, Dr.

- Alerta! Exclamou o menino apresentando-se.

- Boa tarde, Dr.! Papai me chamou?

- O Dr. Silveira precisa de ti. Vai te arranjar...

- Não! Interrompeu o médico, saindo do banco e segurando o Julio pelo braço. Eu preciso dele assim como está.

- Em mangas de camisa, sem chapéu e descalço?!

- Justamente.

- Mas a calça é remendada, Dr.

- Tanto melhor!

- Pois se é assim mesmo, aqui estou às suas ordens! Disse o menino rindo-se.

- Tens vergonha de vir assim comigo?

- Eu? Vergonha de quê?

- Pois então vou explicar ao teu pai...

- Nada disso! Protestou o carpinteiro. Não perca tempo, Dr.

- É que o Julio talvez só possa voltar amanhã...

- Amanhã, ou depois, quando o senhor não precisar mais dele.

- Então vamos Julinho!...

- Um instante!

O menino correu à cozinha, abraçou e beijou a irmãzinha, recomendou-lhe o seu coelhinho e depois voltou à oficina, beijou a mão do pai e virando-se para o médico perfilou-se e fazendo a saudação escoteira disse:

- Às ordens!

- Para a charrete. Vamos à vila.

III

O médico possuía, a meio caminho da cidade, uma pequena chácara, onde costumava passar o verão e repousar aos domingos. Foi para lá que ele conduziu o Julio, chegando à vila ao cair da noite.

Ao entrar o médico na sala de jantar da sua residência, foi saudado com alegres exclamações de diversos amigos, que ali o aguardavam a fim de combinar com ele as últimas providências para a eleição. Um deles, de respeitáveis barbas brancas, que parecia ter grande ascendência sobre os outros, exclamou:

Ora graças que chegou Dr. Recebemos agora mesmo recado do Xavier, que vem apressar as providências que precisamos.

- E por quê?

- Porque o Simas...

- Que Simas? O meu copeiro?

- Esse mesmo. Um grande patife! A traiçou-nos... Foi visto a conversar, muito amigo, com o Ventania, capataz das obras do Serapião, que lhe deu dinheiro.

- Canalha! Exclamou o médico. Ouvia as nossas combinações e ia vendê-las ao Serapião! E agora, o que fazer?

- É apelar para o Coronel Rodovalho...

- Eu já havia pensado nele. Tencionava escrever-lhe e para isso até já trouxe um portador.

- Pois então mãos à obra! Não se perde tempo. O portador é seguro?

- É este menino.

E o Doutor voltou-se para a porta onde Julio ficara, reservadamente. Os circunstantes olharam para o menino e um deles observou;

- Uma criança, Dr.?

- Que tem isso?

- Lembre-se que o portador tem de correr perigo. Para ir à fábrica de tecidos é preciso atravessar os domínios do Serapião...

- Eu atravessarei! Disse simplesmente Julio.

O timbre de voz do menino impressionou aqueles homens pela clareza do enunciado e o tom firme de que se revestiu.

- Tenho confiança nele e passará mais depressa do que um homem.

- E os riscos que vai correr? Aventurou um.

- Não se faz fritada sem quebrar os ovos... Disse com jovialidade o menino. Só peço ao Sr. Doutor que escreva o seu recado em papel bem fino, que é melhor para mim.

- Compreendo... Mas onde vou eu buscar a esta hora papel fino?

- Aqui...

E Julio sacou do bolso da calça a carteirinha de escoteiro, que não o abandonava nunca, e dela extraiu uma folha de papel leve e fina, como casca de cebola.

- Mas o envelope vai fazer volume...

- O Doutor me desculpe, mas comigo não é preciso envelope.

Um murmúrio de simpatia acolheu essa declaração.

O médico escreveu rapidamente algumas linhas e depois disse:

- Vou ler o que escrevi, porque convém que você saiba do que se trata.

- Não é preciso Dr. O senhor com certeza pede o auxílio do Coronel Rodovalho, que na fábrica tem para mais de 1500 operários...

-É isso mesmo. Agora ouve. É preciso que esta carta seja entregue ao Coronel amanhã, antes de meio-dia, porque...

-É sábado. Compreendo.

- Tens muito que andar... serão talvez...
- São duas léguas e meia para noroeste. Rumo do Mato Seco.
- Este pequeno sabe tudo! Disse o ancião das barbas brancas.
- É que eu sou escoteiro e, portanto não admira...

Os amigos do Doutor, interessados pelo diálogo, haviam cercado o menino. O médico continuou:

- É preciso que fiques avisado de que talvez os capangas do Serapião estejam pelos caminhos e tentem impedir a tua passagem...

- Eu passarei! Afirmou Julio.
- Tens assim certeza? Gracejou o ancião.
- Dr. Silveira. **Dou a minha palavra de escoteiro** que o Coronel Rodovalho receberá a sua carta antes de meio-dia.

- Acredito em ti, meu filho. Vai!

- Assim de noite?... Aventurou um.

- Para um escoteiro, em serviço, não há noite e eu conheço o caminho de cor...

Julinho encaminhou-se para a porta e ali, voltando-se disse em voz hesitante:

- Dr. Silveira, tome conta de papai e de maninha! Até a volta, se eu voltar.

E, fazendo a saudação inteira, o menino rodou nos calcanhares e desapareceu no escuro da noite.

IV

Julinho venceu rapidamente, em passo de escoteiro, os três primeiros quilômetros da estrada; depois tendo alcançado um atalho que, pela corda do arco que formava, lhe pouparia uns quatro quilômetros talvez, enfiou-se pela mata que bordava o caminho e que

ele conhecia arbusto por arbusto, árvore, por árvore, dos constantes exercícios que por ali fazia com seu grupo.

O olhar do menino, acostumado ao sol e à treva, perscrutava todos os recantos da passagem e o seu ouvido, educado nas noites de sentinela aos acampamentos, distinguia e logo classificava os mil ruídos noturnos. Decorreram horas e em uma aberta da mata, o menino examinando o céu, determinou a posição dos astros e rapidamente concluiu:

- Duas horas da manhã. A noite está fresca. Toca a andar.

E tirando do bolso da calça um pedaço de pão, que se munira ao sair de casa, sem destino, começou a comê-lo aos pedacinhos, sem deixar de caminhar.

O atalho já se aproximava da estrada, quando Julio percebeu o resfolegar de uma montaria, qualquer, que sacode o freio. O menino achatou-se de encontro ao chão e começou a rastejar de moita em moita até chegar à borda do barranco que dominava, em corte, a estrada. Com todo o cuidado lançou o olhar para a faixa clara do caminho, e nada viu.

- Não é possível! Murmurou ele. Teria me enganado?

Limpou com a mão um pequeno círculo de terra, onde aplicou o ouvido e sentiu um rumor de conversa e duas ou três pancadas surdas.

- Patadas de cavalo... mais de uma pessoa...

De novo o menino procedeu à inspeção da estrada. Para a direita a vista era interceptada por uma curva formada pelo barranco.

- Estão ali! Disse ele.

E com mil precauções se dirigiu sempre de rastos, para o ponto visado, até chegar ao rebordo onde se ocultou. Pela estrada souou o

galope de um cavalo e em breve surgiu um cavaleiro que, perto, estacou a montaria, dizendo:

- Ó Lambisco, então nada ainda?

- Nada, Ventania!

- Você e o Turipa são dois idiotas!

- Por quê?

- O atalho sai aqui e vocês só vigiam a estrada... a essa hora o paco já passou!

- Não é possível! Se ele saísse do atalho seguiria pela estrada e você o encontraria. Mas como é que o patrão soube do negócio?

- Foi o Simas que voltou de noite e assistiu a uma grande conferência do médico. Conseguiu saber que se tratava de levar uma carta à fábrica... então veio a galope prevenir o patrão...

- Quem será o portador?

- Isso é que não se sabe. Seja quem for o caminho é este e o marreco está seguro!

O menino, ao ouvir estas palavras, estremeceu, e fez um movimento de recuo involuntário, que foi a sua perda. Alguns torrões de barro rolaram do barranco e ele não pôde fugir a tempo. Uma vez seguro, Julio resolveu lutar pela sua astúcia, respondendo à pergunta:

- Quem é você, garoto?

- Sou o Julio, filho do carpinteiro Jeremias.

- Conheço, disse o Ventania, é inquilino do patrão... É dos nossos. Mas o que é que você está fazendo por aqui a estas horas?

Julio, como escoteiro, era incapaz de mentir; por outro lado não podia falar a verdade.

- Estava descansando... Disse ele.

- Descansando de quê?

- Ora essa! De andar...

- Para onde ia você?
- Eu vim da vila...
- Isso não é resposta! Para onde?
- Eu ia à fábrica Progresso! Declarou fielmente o menino.

Os homens entreolharam-se...

- Querem ver que... Resmungou o Lambisco. Tinha Graça!...
- O que ias fazer à fábrica? Continuou o Ventania.

Num relâmpago, impelido pela premência da situação, Julio formulou a realidade de um fim, adotado naquele instante.

- Vou pedir ao dono da fábrica trabalho para papai!
- Verdade, verdade, o Jeremias não há de ter muito que fazer em S.! E viver às moscas não rende nada... Afirmou Turipa.
- Pelo sim, pelo não, Lambisco, revista esse guri!

Sem um protesto Julio deixou-se revistar, nada encontrando o Lambisco além de um pedacinho de lápis, um quarto de papel, um rolinho de barbante e faíscas de pão. Mais um canivete velho e a carteirinha de escoteiro.

- Deixa ver esse livrinho... Que é isto?
- Minha carteira de escoteiro... Pode ler...
- Isso fica para o patrão. Vamos até lá. Dizem que esses tais escoteiros são uns espertalhões. Vocês dois continuem a vigiar. Eu levo o pequeno. Monta à garupa, fedelho!

Julio, sem uma palavra, encarapitou-se à garupa do Ventania que partiu, rapidamente, gritando:

- Olho vivo, rapaziada!

Dentro de meia hora, já clareava a manhã, chegaram Ventania e Julio à varanda da casa habitada por Serapião, que, fatigado das costumadas orgias noturnas, se havia deitado naquele momento. Ventania apeou-se, amarrando as rédeas no corrimão da varanda e entrou no corredor da casa, levando Julio seguro pelo braço.

O menino, senhor de si, pensava que a sua vinda ali lhe havia adiantado caminho, aproximando-o mais da fábrica; enquanto assim pensava, relanceava o olhar para todos os lados, estudando rapidamente a disposição do local: um comprido corredor que partia da porta principal, com aposentos fechados de um e de outro lado, que provavelmente ia ter ao fundo da casa.

Ventania bateu a uma das portas e disse:

- Pode-se entrar patrão? É o Ventania.
- Vai para o inferno! Gritou uma voz roufenha. Agora que eu ia dormir...

- Trago uma novidade, Dr.

- Entra então com os diabos, e não amola!

Ventania empurrou a porta e penetrou sempre seguro ao Julio, em um aposento de indescritível desordem. Um homem, de roupão, deitado em um divã, quebrado nas bordas, de fisionomia carrancuda, olhos avermelhados e cabeleira rala e despenteada gritou:

- Vá, despeja o pote e vai-te...

- Patrão. Apanhamos este menino, que ia de madrugada para a fábrica.

O homem ergueu-se a meio repetiu:

- Para a fábrica? Fazer o quê?

Diz ele que ia pedir ao coronel trabalho para o pai, que é o Jeremias, carpinteiro.

- E que tenho eu com isso?

- É que pode ser ele o portador que nós estávamos esperando...

- Qual!... Já revistaram esse diabo?

- Já, sim senhor... Só encontramos este livrinho... O Ventania entregou ao Serapião a carteira do Julio, que o homem mirou, folheou e depois jogou para cima de uma mesa, repleta de objetos diversos.

- Vocês são umas bestas!... Deixa-me dormir, que é melhor!

E o que se faz do pequeno?

- Tranca-o na dispensa até amanhã!...

E virou-se para a parede. Ventania arrastou Julio, que não pôde deixar de olhar pesaroso a sua carteira, e levou-o pelo corredor afora... O menino, ao sair do quarto de Serapião, notou que o dia já despontara de todo e o sol iluminava a varanda, onde o cavalo de Ventania, impaciente, escavava o chão, relinchando. O sacripanta que o conduzia parou em frente de uma porta para abri-la.

Julio com um safanão inesperado desprende-se da mão que lhe segurava o braço e deitou-se a correr para a varanda. O Ventania, estupefato, decidiu-se à perseguição. Quando, porém, chegou à varanda, já Julio de um salto cavalgara o animal, e soltando-lhe as rédeas e segurando-se às crinas, batia com os calcanhares nas ilhargas do cavalo que, em galope desabrido, rompeu pela estrada em direção à fábrica, cujas chaminés se avistavam ao longe, rebrilhando ao sol.

Ventania gritou para uns peões que corriam atraídos pelo galope do animal:

- Segurem esse menino!

Na varanda surgiu também o Serapião que gritava:

- Agarrem o pequeno... Morto ou vivo!...

Dois homens montaram rapidamente e atiraram-se pela estrada, em perseguição de Julio. Este, fora do selim, seguro ao pescoço do cavalo, deitado quase, aguentava-se com firmeza e com a voz e os pés instigava a carreira de sua montaria.

Vendo que não o alcançava, um dos homens, sacando de uma garrucha, visou, a correr, o menino e disparou. Mais outro tiro... e ainda outro soaram, mas o portão da fábrica já se achava perto; corriam operários e mulheres atraídos pelos estampidos e os perseguidores desistiram do intento.

O cavalo só parou no pátio da fábrica, cercado pelos operários, que retiraram de cima dele o menino, desmaiado e com a camisa empapada de sangue, que lhe corria de um ferimento no ombro.

Carregado para uma sala próxima foi Julio logo socorrido pelo farmacêutico da fábrica, que verificou não ter gravidade o ferimento: a bala passara de raspão. O coronel Rodovalho, prevenido, compareceu imediatamente, sendo inteirado do que ocorrera e da perseguição que o menino sofrera.

Depois de curado e reanimado pelo farmacêutico, Julio – cercado pelos carinhos do coronel – pôde dar conta de sua missão, entregando a carta que ele havia ocultado no cóis da calça, onde não podia ser pressentida a sua presença pela qualidade do papel que não oferecia volume algum às pesquisas.

O coronel leu a missiva do Dr. Silveira e virando-se para um operário ordenou:

- Toquem o sino grande! Todos no pátio daqui a 15 minutos!

O operário saiu a correr e logo se ouviram as badaladas sonoras do sino de rebate da fábrica. De todas as oficinas, onde cessou o trabalho, os operários vieram reunir-se no pátio amplo e batido do sol

das dez horas. O coronel olhou para Julio que descansava, de olhos cerrados, depois para o farmacêutico que esperava e disse, meneando a cabeça:

- Seu Chico! Este menino é um herói! Acaba de praticar uma ação que muitos homens rejeitariam tentar...

VI

No pátio fervilhavam os comentários de milhar e meio de operários... Os acontecimentos de há pouco já estavam divulgados e todos aqueles homens esperavam ansiosos a comunicação do seu Chefe e Patrão, a quem adoravam, pois antes do mais era o amigo e protetor de todos eles.

Era esse homem que lhes proporcionava trabalho, e com o trabalho a casa para morar, o ganho diário, a vida a bom preço, médico e farmácia, um verdadeiro pai para todos; adoravam-no, portanto, e era justificada a sua ansiedade em conhecer-lhe os desejos e cumprir suas ordens.

Por isso um longo murmúrio acolheu a chegada do Coronel Rodovalho, que subindo uma escada de abrir, dominou a multidão e com um só gesto da mão direita obteve profundo silêncio.

- Meus amigos, o regulamento de nossa fábrica manda que todas as comunicações sejam feitas por boletim, mas tratando-se de um caso grave e urgente sou eu quem falta ao regulamento... Todos nós conhecemos quem é o Dr. Silveira, o médico humanitário que a todos acode sem indagar das posses de quem dele precisa...

- Sim! Sim! Clamaram centenas de vozes. O Dr. Silveira! O Pai dos Pobres!...

- Pois bem. O Dr. Silveira foi apresentado por diversos amigos para a eleição de um deputado, amanhã. Nunca me meti em política, nunca perguntei qual de vocês era eleitor. Mas o Dr. Silveira pede o meu auxílio... Sabeis contra quem? Quem é que o vai derrotar nas urnas?

- Quem! Quem é?

- É o Dr. Serapião!

Um silêncio profundo acolheu a declaração. De repente, como uma tempestade, rebentou o protesto veemente. Braços se erguiam, ameaçadores:

- Nunca! O usurário! Beberrão! Perseguidor dos pobres... Bandido! Assassino! Silêncio! Escutem!

O tumulto serenou a novo gesto do Coronel:

- É o Dr. Serapião com seus eleitores comprados a tanto por cabeça! Com os seus processos de suborno e de terror... Agora mesmo acaba de prender e mandar atirar de garrucha sobre uma criança, o portador da carta do Dr. Silveira!

- Covarde! Infame!...

O Coronel fez subir para junto dele, na escada, o Julinho, ainda pálido e com a camisa manchada de sangue, envolvido o ombro em ataduras...

- Morra o bandido! Assassino de crianças! Bradavam exaltados os operários.

O menino agitou no ar a mão. O silêncio se fez de chofre, impressionante.

- Nada de mortes! Bradou a voz, de timbre infantil de Julio. É proibido por Deus e pelos homens matar!

Como badaladas de Ângelus soavam as palavras nítidas do menino.

- Querem uma desforra do Serapião? Querem acompanhar o Sr. Coronel?

- Queremos! Fala guri! Viva o pequeno!

- Vão todos os que são eleitores amanhã cedo para a cidade e votem no Dr. Silveira!

- Bravo! Gritou o Coronel dando o sinal dos aplausos. E beijou o menino.

- Camaradas! Continuou o patrão. Há quinze anos que não tomo parte em eleições. Amanhã às 10 horas estarei na Praça da Matriz!

- E nós também! Viva o Dr. Silveira! Viva o patrão!

A reunião se dissolveu lentamente. O Coronel conduziu, para sua residência, o menino ao qual fez mudar de roupa e fornecer calçado, da Cooperativa da fábrica, e obrigou-o a sentar-se à mesa do almoço, entre suas duas filhinhas e sua senhora.

VII

Durante o almoço o Coronel obteve de Julio toda a sua história, sem omitir detalhe de espécie alguma. Por fim, uma observação que fez o Julinho mudar de cor: Disse-lhe o Coronel:

- Mas, como escoteiro que és não devias faltar à verdade, dizendo que vinhas à fábrica por outro motivo...

- Como assim?

- Tiveste de inventar outro motivo que não fosse a entrega da carta, e que não era verdadeiro, logo...

- Mas quem disse ao Sr. que esse motivo não era verdadeiro?

- Então não contaste ainda tudo... Vamos! Qual foi o motivo verdadeiro que apresentaste?

Julinho vexado calou-se... mas depois, tomando a sua resolução, declarou:

- Era pedir ao Sr. Coronel ocupação para papai, que, com certeza vai ser expulso da casa pelo Serapião...

- Teu pai sabe disso?

- Não senhor!... Eu é que resolvi...

- Pois resolveste bem! Eu me encarrego, não só de teu pai, como de ti e da tua irmãzinha...

O menino, porém, já não o ouvia. Cedendo às emoções e à fadiga, o seu corpo oscilava e os olhos se lhes cerraram de vez...

- Este pobre pequeno está dormindo!...

E o bom do coronel, erguendo-se, levantou nos braços o corpo do Julinho, levando-o para um leito onde carinhosamente o despiu, agasalhando-o. Em seguida disse para a esposa que o acompanhara...

- Que resistência a deste menino!

E contando baixo:

- 4... e 4... 12... e 4... 24... 7... 31... Há trinta e uma horas seguramente que o coitado, escravo de sua palavra, está suportando fadigas, sustos e privações!... Decididamente, minha querida, o escotismo é uma fábrica de energias!

No dia seguinte pela manhã, quando o pessoal do Serapião se dirigiu para a Matriz, já encontrou perto de mil operários, chefiados pelo Coronel Rodovalho, que os receberam de rosto carrancudo.

À hora da eleição, inesperadamente para os mesários, mil cento e vinte e cinco votos caíam na urna com o nome do Dr. Silveira, não tendo o Serapião, com o seu pessoal, sequer tentado perturbar o escrutínio.

A estrondosa derrota do malfazejo solicitador produziu-lhe uma apoplexia fulminante, e como não deixasse herdeiro, foi o Coronel

Rodovalho, conhecido pela sua independência e probidade, nomeado inventariante; o que lhe permitiu reparar muitas injustiças e recuperar a carteirinha do Julio.

O carpinteiro e sua filha estão empregados na residência particular do Coronel: Ele como encarregado de todo o mobiliário e de fazer... o que quiser; e a menina como companheira de lições e de brinquedos das duas filhinhas do industrial.

Quanto ao Julio, depois de uma demora de três a quatro meses na fábrica, onde auxiliou o seu instrutor a organizar ali um numeroso grupo de escoteiros, por convite do Coronel Rodovalho, foi para a capital do estado estudar em um instituto de educação, custeado em partes iguais pelo Coronel e pelo Dr. Silveira, que fez disso questão fechada.

Com a morte do Serapião, os facínoras e vagabundos, seus protegidos, desertaram da localidade, que ainda hoje se conserva limpa de bandidos, graças ao escoteiro Julio, que tão bem soube pôr em prática o artigo 1º do seu Código.

ART. 2º

“O escoteiro sabe obedecer. Compreende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral.”

I

O instrutor Alexandre falava para os seus escoteiros, em semicírculo à sua frente:

- O exercício que vamos fazer põe em prática diversos artigos do Código, como acontece geralmente; mas, sobretudo o artigo 2º, que eu não preciso repetir. É preciso que cada um de vocês se compenetre bem disso...

Todos os meninos, atentos às palavras do instrutor, procuravam aproveitar bem o sentido do que ele dizia. Um deles, entretanto, olhava distraído uma nuvem que passava, encastelada e muito brilhante dos raios do sol, e lhe achava, na imaginação, a forma de um camelo. O instrutor continuou:

- Trata-se de um exercício de dupla ação. A nossa tropa que se compõe de quatro patrulhas, vai ficar encarregada de vigiar a linha, que se estende desde o cabo do Peixe até a clareira do Cedro, com a incumbência de não deixar passar nenhum mensageiro, impedindo assim a comunicação da tropa dos Bem-te-vis com a tropa dos Corcorocas. Entram neste exercício de conjunto, escoteiros de terra e do mar. Vocês vêem que é um exercício importante!... linha, os tubarões aguardam a passagem do cabo por mar. Vocês vêem que é um exercício importante!... Preste atenção, 35!

- Estou prestando... Respondeu o menino que via camelos nas nuvens.

- A tropa que vencer o exercício terá 500 pontos, que é o total necessário para conquistar o troféu de fitas para o seu pavilhão. Portanto conto com vocês para ganharmos este primeiro prêmio do júri. Se alguém precisa de mais explicações, pode falar:

- O que se deve fazer ao adversário que tentar atravessar a linha? Perguntou um guia.

- Dizer-lhe: "É nulo!", e ele deve imediatamente entregar o seu lenço e constitui-se prisioneiro.

- E se ele não quiser entregar o lenço? Indagou outro menino.

- E por que não há de querer, se é a regra do jogo? Só se for um indisciplinado. Não é escoteiro. Nesse caso toma-se bem nota dele, das suas feições, para reconhecê-lo depois...

- E deixa-se passar? Disse um.

- Prende-se à força! Declarou outro.

- Isso nunca! Redarguiu o instrutor. Cada um assume a responsabilidade e as consequências da sua indisciplina. Que passe e depois se explique com os árbitros do jogo. Entenderam?

- Já entendemos.

- O exercício começa às 9 horas em ponto. São 8 e 1/2, temos tempo de estender a linha. Cada um ficará no posto mais conveniente, espaçadas as sentinelas de 20 a 30 metros, conforme os acidentes do terreno. Os guias percorrerão os setores. Podem ir!

- Quem dispõe os pontos?

- O guia mais antigo.

- Então é você! Disse o guia Alberto para o seu colega Félix.

Este assumiu o comando com as palavras:

- Tropa! À minha voz!... Seguir o chefe!

E a um de fundo os escoteiros se puseram em marcha acelerada para o pequeno promontório que, ao norte, fechava a praia em que se passava esta cena.

O instrutor viu-os afastarem-se; depois, subindo o declive da praia, internou-se na restinga alta que precedia a mata. Ia tranquilo e confiante na vitória de sua tropa.

O guia Félix dispôs os escoteiros em postos equidistantes, e a cada um que colocava, repetia em resumo as explicações dadas pelo instrutor. Chegando a vez do escoteiro, que vira camelo nas nuvens e que se chamava Mario, este respondeu ao guia, interrompendo-lhe as explicações:

- Já sei! Já sei!... Eu não sou surdo...

O guia encarou-o fixamente e sem dizer mais palavra seguiu adiante.

Mario ficou colocado sob uma árvore, em meio de uma macega, já na zona da mata; e em vez de fazer, como devia e como os seus companheiros fizeram o reconhecimento rápido dos arredores, orientando-se bem no seu posto, sentou-se e começou a brincar com as folhas secas, afastando-as com um graveto, em caça às formigas, que por ali se perdiam.

II

Às 9 horas em ponto soou longe um apito forte e prolongado: era o início do jogo. Daquele momento em diante deviam estar todos atentos, pois a cada instante podiam ser surpreendidos pela passagem rápida ou disfarçada de um adversário, forçando a linha. Uma vez transportada essa divisa, o mal era sem remédio e o número de pontos decrescia na proporção de passagens efetuadas.

Decorreu um quarto de hora e à direita de Mario ouviu-se, de súbito, a frase convencionada:

- É nulo!

Estava descoberto um adversário, que imediatamente entregou o seu lenço ao descobridor e sentou-se na linha, constituindo-se prisioneiro.

O guia Félix, uma vez iniciado o jogo, percorria lentamente os postos, verificando os prisioneiros. Chegando ao posto ocupado por Mario, o guia vendo-o entretido com as formigas disse-lhe:

- Olha Mario! Não estragues o exercício!

- Deixe estar!

- Deixe estar, não! Assim distraído não podes surpreender ninguém... É um posto fraquíssimo o teu! Vigia bem... Cumpre a ordem que recebeste Mario...

O menino ergueu-se, sacudiu as mãos para tirar a terra, e disse em tom aborrecido:

- Lá vem você com os sermões! Deixe estar que eu sei o que estou fazendo... Por aqui ninguém passa!

O guia seguiu seu caminho, meneando a cabeça, desconsolado, mas sem insistir. Mario, logo que ele se afastou, murmurou:

- Exercício cacete! Até dá sono...

Depois erguendo o olhar para a árvore exclamou:

-Olá! Um cajazeiro... Vamos ver isso de perto.

E em dois minutos, tendo deixado no chão o chapéu, encarapitou-se no primeiro galho, de onde alcançou alguns frutos, que começou a colher e saborear.

De um lado, por um tufo de plantas, surgiu lentamente uma cabeça, cujos olhos brilhantes não se desviavam do vulto de Mario, entregue à sua gulodice.

Com movimentos quase imperceptíveis o Bem-te-vi, ao qual aqueles olhos pertenciam, ajeitou o corpo para a carreira, pois entre o tufo que se ocultara e o terreno além da linha havia um limpo de mato, onde a visão era fácil; e ele sabia que bastava um grito de - É nulo! - soltado por Mario, para que ele tivesse que se entregar.

Mario, porém, estava muito embebido na caçada aos cajás para que pudesse cumprir sua missão; e, em dado momento, de um salto, o Bem-te-vi pôs-se a descoberto no limpo e atravessou a linha, deixando cair o seu chapéu – que era a prova de sua passagem – e ocultou-se na macega. Mario nada viu, mas o ruído das folhas pisadas pelo Bem-te-vi despertou-lhe a atenção e só então avistou em meio do

limpo um chapéu, que não era o seu. Desceu rapidamente e verificou que o seu posto havia sido violado.

A princípio ficou interdito com o chapéu do outro na mão. Depois, olhando para um e outro lado, encolheu os ombros e dispôs-se a ocultar a prova de sua desídia.

Nesse afã foi surpreendido pelo guia, que refazia a sua ronda, em sentido inverso.

- Que chapéu é esse? Interrogou Félix.

- Este é o meu.

- Não mintas Mario! O teu chapéu está ao pé da árvore. Foi forçado o teu posto!... Menos dez pontos para a nossa tropa! Eu bem te preveni! Espero que fique só nisto.

E o guia, desolado, seguiu na ronda, deixando o Mario perplexo com o chapéu do Bem-te-vi em punho.

- Tratante! Resmungou o menino, jogando o chapéu no chão. Embaçou-me! Mas garanto que outro não passa!

Por alguns momentos o escoteiro ficou alerta, mas em breve se fatigou da expectativa e, encostando-se ao tronco do cajazeiro, resmungou:

- Já passou um... outro não passa. O raio não cai duas vezes no mesmo lugar!

Atirou um olhar guloso aos cajás que amareleciam à frente da árvore. Depois começou a limpar as unhas com um gravetinho.

III

Félix, continuando a sua inspeção, verificou que mais três Bem-te-vis haviam sido aprisionados, o que lhe compensou a desilusão com a passagem do posto do Mario. Ia prosseguir quando um ruído de luta,

a três postos à retaguarda, o fez retroceder correndo. No posto de Mario deparou-se-lhe então um espetáculo, que o encheu de tristeza.

Mario, atracado com um Bem-te-vi, rolava pelo chão, em luta corporal. De um salto o guia caiu sobre o grupo e violentamente separou os combatentes.

- Que é isto?

Os dois meninos estavam à sua frente olhando-se torvamente, ambos com as roupas em desalinho, os cabelos desordenados e as faces incendiadas e agatanhadas. Nas mãos do Bem-te-vi estava o cinto de Mario, e nas mãos deste o lenço do Bem-te-vi.

- Foi ele! Exclamou este apontando Mario. Foi ele que me agrediu... Eu me defendi!

- Eu não o agredi! Contestou Mario. Ele é que se recusou a entregar o lenço...

- Retire-se para o primeiro posto à retaguarda e espere-me lá! Ordenou o guia.

O menino resmungando e consertando os cabelos, ainda resfolegante da luta, afastou-se e Félix ficou só com o Bem-te-vi.

- Por que não quiseste entregar o lenço? Perguntou ele.

- Seu guia, ele não cumpriu o jogo.

- Como assim?

- Eu vinha me esgueirando para passar, quando ele estava distraído limpando as unhas. Ele me viu e em vez de gritar: "É nulo!", saltou em cima de mim, para me tirar o lenço à força gritando: Desta vez vocês me pagam! Eu me defendi!...

- Espera-me aqui.

- Sim, senhor.

E o Bem-te-vi começou a recompor o vestuário, enquanto o guia se encaminhava para o outro posto onde estava Mario com as feições ainda contraídas à sua espera.

- Conta-me como se passou o fato! Disse o guia ao menino.

- Foi assim: eu estava encostado à árvore, vigiando...

-... e limpando as unhas...

-... quando vi o... o escoteiro que queria passar. Eu, então, gritei: "É nulo!" Mas ele não quis entregar o lenço.

- Devias tomar nota dele e deixá-lo passar. Nunca segurá-lo. Era a ordem!

- Mas ele me chamou de bobo!

- Não é verdade! Como não é verdade que tenhas gritado "É nulo!"

- Disse...

- O que tu disseste foi: Desta vez vocês me pagam! E quiseste tirar à força o lenço do Bem-te-vi...

- E tirei! Está aqui!

- Tens o lenço, mas ele tem o teu cinto. Prova material da luta. Por justiça devo considerar que teu posto foi violado pela segunda vez!

Mario baixou a cabeça. O guia continuou:

- Desobedeceste, infringindo a disciplina. Fazes-nos perder o jogo, e talvez aconteça coisa pior! Reflete e fica aqui. Dá-me esse lenço... Vou tomar conta do teu posto, já que não sabes cumprir o teu dever!

Com estas palavras o guia Félix voltou ao lugar da luta, encontrando o Bem-te-vi, sentado, à sua espera.

- Podes passar! Disse-lhe o guia. O posto foi considerado forçado.

- Não passo. A verdade é que eu fui descoberto.

- Mas não entregaste o lenço...

- Porque não recebi a intimação de nulo!

- Mas o lenço foi tomado...

- E eu fiquei com o cinto dele...

- Faze como entenderes. Se passares, o ponto não nos será contado, porque eu te restituo o lenço. E também não será contado, se ficares, porque não temos o lenço que eu te entrego, em troca do cinto.

- Aqui está o cinto. Mas fique com o lenço; eu o entrego agora.

- És generoso como um verdadeiro escoteiro. Completa a tua generosidade...

O Bem-te-vi olhou, com um sorriso, para o guia e respondeu:

- Por mim... Mas não sei se ele quer...

- Vamos ver...

O guia foi buscar Mario, que colocou, sem dizer palavra, em frente do Bem-te-vi.

- Aqui está o teu cinto! Disse este.

Mario recolheu o cinto que colocou no lugar próprio. O outro continuou:

- E aqui está o lenço. Sou teu prisioneiro.

Mario olhou para o Bem-te-vi que sorria.

- Toma o lenço e dá-me um abraço! Somos irmãos, não é?

Mario compreendeu e sentiu que os olhos se lhe enchiam de lágrimas. Comparou a generosidade do outro escoteiro com a sua indisciplina, mas sentiu-se perdoado. Recebeu o lenço e lançou-o ao pescoço do Bem-te-vi; e abraçando o colega, disse:

- Perdoa-me. Fui um bruto e não soube obedecer!

Depois, afastando-se um pouco, fez-lhe a saudação escoteira e concluiu:

- Podes passar!

Nesse momento ouviu-se uma explosão de rojão que marcava o fim do exercício.

- Agora mesmo é que eu não passo! Exclamou rindo-se o Bem-te-vi.

O guia levou à boca o apito e por três vezes o fez silvar. Ordem para recolher os postos.

Em breve surgiam na praia os escoteiros daquela tropa, conduzindo onze Bem-te-vis aprisionados. De outro lado vinham também chegando às outras tropas, até que em menos de meia hora estavam reunidos todos os escoteiros que haviam tomado parte no exercício. Os árbitros ouviram o relatório sucinto dos chefes e decidiram anular todo o exercício pelas irregularidades havidas na tropa dos Corcorocas. Recebiam menção honrosa os Tubarões, os Bem-te-vis e os Pica-Paus.

- Vocês viram que a nulidade não partiu de nós, comentou o guia Félix. Entretanto, se não fosse essa nulidade dos Corcorocas, talvez todo o jogo estivesse comprometido, para nós, pela indisciplina de um dos nossos escoteiros, que em vez de obedecer às ordens recebidas, entendeu fazer o que bem quis. É de crer que a lição lhe tenha aproveitado e, por isso, não lhe declaro o nome.

- Mas declaro eu! Exclamou o Mario. E se não fui mais culpado ainda, é porque fui perdoado por este Bem-te-vi, que me deu uma lição de generosidade.

E abraçando o Bem-te-vi continuou:

- Mas prometo que, de agora em diante, saberei obedecer pois compreendi que da disciplina de um só depende, às vezes, o sucesso de toda a tropa!

Depois fazendo uma careta aos companheiros, Mario terminou alegremente:

- Falei bem e não cuspi! Ninguém aplaude?

O guia Félix, satisfeito, deu o sinal para uma salva de palmas, que encerrou o discurso do Pica-pau Mario.

ART. 3º

“O escoteiro é um homem de iniciativa”.

I

Sentado num recanto da barreira, à margem do caminho estreito que margeava a linha férrea da Central, com as pernas penduradas em balanço, gola aberta, chapéu jogado para a nuca, o menino, que revestia um uniforme escoteiro, fazia tranquilamente a sua refeição da manhã. Seriam onze horas e o sol, já escaldante, pressagiava possível tormenta; sobre a serra da Mantiqueira grande rolos de nuvens pardacentas se amontoavam. Um espinheiro bravio amparava com a sua sombra falhada o escoteiro, que almoçava. Em todo o redor estendiam-se os campos, crestados do verão a pino e, no ar, se espalhava o cheiro característico das ervas chamuscadas da soalheira e do capim melado, que rescendia a forragem.

Ao longe, em baixo, no vale, que parecia estender-se até o sopé da serra, pastavam vagarosos bois isolados, pondo manchas coloridas e movediças, no pardo uniforme daqueles gerais.

Sobre o arame farpado da cerca da estrada um bando de tico-ticos executava uma série de vôos acrobáticos, numa chilreada incessante. Perto do menino, em uma touceira de capim, um camaleão, papo inchado, quedava-se de boca escancarada à tocaia de mosquitos.

Enquanto mastigava com vagar, conforme os preceitos higiênicos, o escoteiro refletia sobre a incumbência de que tinha sido encarregado.

Tratava-se de transmitir uma ordem de regresso, em forma de mensagem secreta, a um grupo de escoteiros, que efetuava um exercício, do outro lado da via férrea, e que havia perdido as comunicações com a sede, onde se achava o diretor técnico. Era preciso, portanto, descobrir o paradeiro desse grupo e comunicar-lhe a ordem de que aquele escoteiro era portador.

Havia já 22 horas que ele deixara a sede, com a simples indicação dada pelo grupo, ao partir: direção geral, sudoeste. Nesse rumo vinha seguindo o escoteiro; dormira em um rancho à beira da estrada, pusera-se de novo em marcha, de manhã cedinho; e agora ali estava ainda sem notícia dos companheiros.

Luiz, que assim se chamava o menino, aparentava 14 anos no máximo e era bem constituído física e moralmente. Tendo terminado a refeição, guardou cuidadosamente as sobras e, tomando o seu cantil, bebeu alguns goles de água levemente acidulada. Em seguida, ergueu-se, retesou os músculos e só então reparou na ameaça da próxima borrasca. As nuvens se haviam alastrado pelo céu, clarões fulvos irrompiam da massa de plúmbeos vapores e o ruído longínquo de rolar de pesados carros reboava de contínuo.

Dos campos, já cobertos de sombra, o gado retirava, mugindo lamentavelmente, em busca de abrigo. Luiz pensou também em se

refugiar da tormenta. Revestiu rapidamente o equipamento e lançando mão do seu bastão ferrado desceu da elevação em que estava e, transpondo com facilidade a cerca de arame, desandou um pouco o caminho, em demanda do viaduto – ponte de ferro – que deixara para trás e perto do qual se lembrava de ter visto, no corte da barreira, uma dessas guaritas abertas no barro pelos trabalhadores da linha.

Já ribombava francamente o trovão, a atmosfera era asfixiante e a natureza inteira, plantas e animais, se aquietaram no silêncio e na tranquilidade, que precedem sempre as grandes convulsões meteóricas, quando o menino alcançou o reduto que procurava, na curva que faziam os trilhos, a uns 250 metros apenas da cabeça da ponte metálica que vadeava o rio.

Luiz recolheu no abrigo seu equipamento, deixando um cantinho para si, e saindo à linha lembrou-se de participar à sede o impedimento que o ia retardar na viagem. Subiu ligeiramente a um dos postes de telégrafo da estrada, tirou do bolso um minúsculo aparelho telefônico portátil, ligou-o no fio e deu sinal de chamada. Logo se estabeleceu o diálogo com o plantão do grupo que ficara na estação da próxima cidade.

- Quem fala?

- Escoteiro Luiz. E aí?

- Guia Álvaro, plantão em serviço. Que há?

- Estou no quilômetro 357. Cabeça da ponte nº 7, abrigado contra a tempestade. Nenhum sinal do grupo em serviço. Espero amainar a tempestade para seguir. Comunique ao chefe.

- Estou ciente! Respondeu outra voz no aparelho: a voz do chefe. Luiz, ainda tens víveres?

- Tenho para duas refeições.

- Bem, se até à noite não tiveres notícias, volta de noturno, sabes? Tens dinheiro?

- Algum.

- Se não chegar para a passagem, embarca que paga-se aqui.

- Sim... eu... vou...

O chefe, na estação, ouviu ainda um ruído confuso, depois um grande estrondo e mais nada. Que teria acontecido?

- A comunicação foi interrompida violentamente, disse ele para o telegrafista da estação. Alguma coisa de anormal sucedeu. A voz de Luiz era angustiosa e entrecortada. Quem sabe se seria prudente ir a socorro dele?

- Com a tempestade que se anuncia e já deve ter desabado por lá, é muito difícil alcançar o quilómetro 357... Atravessar a ponte de 60 metros com temporal!... Tem o que se lhe diga...

- O Sr. não poderia fazer seguir o trole? Perguntou o chefe escoteiro ao agente da estação.

- O trole é de serviço especial do engenheiro; e a linha não é dupla. Daqui a uma hora mais ou menos deve passar na ponte o S. P. 2 e o desastre seria inevitável.

- Eu deveria ter enviado dois escoteiros. Um animava o outro!

E nessa conversa entrecortada se empenharam os dois homens durante uns 15 minutos, quando o aparelho telegráfico fez a chamada da estação próxima, a hora e meia de marcha, pedindo licença para a saída do S. P. 2. a licença foi concedida. Minutos, porém, haviam passado quando o plantão de escoteiros, que conservara o capacete aos ouvidos, disse:

- Comunicação urgente: Luiz pede que não dêem licença para descer trem algum... Hein?... Ah! A ponte ruiu!... com um raio... É preciso impedir. Oh! Alô! Luiz! Alô!... Cortaram a comunicação.

Já o agente da estação aterrado se precipitara para o aparelho telegráfico e batia desesperadamente a chamada para a estação de partida.

O aparelho funcionou rápido. A fita desenrolou-se e o agente que lia a resposta exprimiu nas feições transtornadas um terror intenso:

- O trem partiu, e vem atrasado!... Não há meio de evitar o desastre!

E arrepelava os cabelos.

_ O trole! Lembrou o chefe dos escoteiros.

- Não alcança a ponte a tempo. O trem não pode evitar a cabeça da ponte que começa em curva! Vou já pedir o trem de socorro para Barra!

E precipitou-se para o aparelho...

O chefe dos escoteiros, com um olhar significativo para o ajudante da estação, que o acompanhou, saiu a correr, dizendo para o plantão:

- Não largues o fone!

II

O chefe escoteiro, seguido pelo ajudante da estação, a quem ele ia falando pelo caminho, se dirigiu a correr para um galpão próximo e daí a poucos minutos passava pela frente da estação em velocidade crescente o trole à gasolina aonde iam os dois moços, com chapéus calcados sobre os olhos e as golas dos paletós erguidas, pois já caíam as primeiras batedas da água do temporal.

- Não haverá outro caminho para transpor o rio sem ser pelo viaduto? Perguntou o chefe, pondo o trole em nove pontos de velocidade.

- Há! Ao lado, em baixo, a ponte antiga de madeira, que ainda está bem conservada... mas... não tem corrimões nem balaustrada...

- Não faz mal!

- É que as águas do rio hão de ter crescido e a passagem é perigosa...

- Quem não arrisca... Passaremos de gatinhas, se for preciso.

Na corrida desembalada em que ia o trole chegaram em breve à vista da ponte, cuja estrutura metálica se distinguia ao longe. Mais doze minutos e o carro, freado, estacava a poucos metros da ponte.

Partido ao meio pela ação destruidora de um raio, o viaduto parecia cortado em seção transversal, e deixava pender lamentavelmente para o rio, cujas águas encachoeiradas e lamacentas rugiam ameaçadoras, varões e vigas de ferro, emaranhados e retorcidos, aparecendo no ar, sem ponto de apoio, os dois trilhos de aço, que, num percurso de 25 metros, ligavam, em vão aberto, os dois trechos da linha.

A chuva amainara e ao longe reboavam ainda surdamente trovões, da tormenta que por ali passara, torcendo galhos, desenraizando árvores e avolumando a torrente do rio, cujo nível alcançava já o tabuleiro da ponte de madeira.

Para além do viaduto, entre os dois cortes de barreira, nada mais se via do que a curva dos trilhos que contornava o talude.

Será possível que o S. P. 2 ainda não tenha chegado aqui?

Talvez o trânsito esteja impedido mais para adiante.

- De qualquer modo, vamos passar!

E os dois moços, abandonando o trole, resvalaram pelo declive do aterro para alcançar a ponte de madeira. A passagem era, de fato, perigosa, mas cheios de ardor juvenil, os dois rapazes, já encharcados na chuva, não se temeram de algum banho forçado nas águas barrentas que, já em quantidade, passavam por cima da ponte.

- É uma temeridade o que vamos fazer! Ponderou o ajudante do agente.

- Concordo. Mas do outro lado está uma criança, talvez esperando o nosso socorro!

- Vamos com Deus! Bradou o ajudante.

E foi o primeiro a pisar o tabuleiro da ponte. Caminharam agachados, agarrados às travessas oscilantes do madeiramento, com os pés, os joelhos e as mãos, dentro da água.

Alcançaram enfim a outra margem do rio, que escalaram, e precipitaram-se pela linha sobre os dormentes descobertos, pois a tormenta arrastara todo o lastro do leito. Pouco adiante da curva, o chefe avistou à direita a guarita onde Luiz guardara o equipamento, que ainda estava lá todo molhado; mas do menino, nem sinal!

- Está perdido! Exclamou o moço desorientado. Arrastado talvez para o rio pela enxurrada...

- Será possível? Acrescentou o ajudante. E o trem que não aparece?!

- Vamos adiante!

Os dois moços continuaram a corrida para frente, ora escorregando, ora tropeçando... e afinal, vencendo a curva, quase em forma de S, a que grande mole de pedra obrigara o traçado da linha, surdiram em frente à reta imensa, que se lhe seguia e se estendia por oito ou dez quilômetros para o horizonte.

Um grito de surpresa escapou-se dos lábios dos dois moços. A dois quilômetros, além, dentro de um halo fantástico no meio de uma moldura feita por um arco íris fulgurante, o comboio estacionava. À frente a possante locomotiva que soltava rolos de fumaça, cercada por um grupo numeroso de pessoas que se agitavam e gesticulavam.

III

Em uma carreira, que transpunha todos os obstáculos, os dois moços chegaram ao grupo que se compunha de passageiros e empregados do trem, no meio dos quais se viam também os meninos com uniformes de escoteiros.

- Luiz? Indagou aflito o chefe ao primeiro menino que encontrou.

- Está salvo! No terceiro vagão com o nosso chefe. Estão lhe fazendo um curativo ligeiro...

- Ferido?

- Pouca coisa...

Enquanto o ajudante do agente se entendia com o chefe do trem, os escoteiros conduziram o graduado para o vagão, onde Luiz, já pensando na testa, nos joelhos e nas mãos, repousava sorrindo, e cercado de colegas e de um passageiro, médico, e duas senhoras que o animavam.

O chefe encarou o menino e sem dizer palavra, numa súbita intuição do sucedido, curvou-se, beijando o escoteiro na fronte, envolvida em ataduras, dizendo-lhe:

- Já sei, cumpriste o teu dever...

- Como outro qualquer teria feito! Respondeu o menino com singeleza.

- Devemos todos a vida a este menino! Afirmou o médico.
- Se não fosse ele estaríamos, a esta hora, no rio ou debaixo do trem! ... Secundou uma das senhoras.
- É preciso deixá-lo repousar. Dei-lhe uma poção, que preparei aqui mesmo com a ambulância dos escoteiros, e vai dormir um pouco...
- A cama está feita! Declarou um escoteiro.

De dois bancos confrontantes e uma mala, haviam os colegas de Luiz improvisado um leito, que as senhoras forraram com seus mantos e peles, e para onde o médico e o chefe transportaram o menino com muita precaução. Luiz já tinha os olhos cerrados por efeito de sedativo que lhe dera o médico, e o vagão foi completamente esvaziado, ficando de guarda um escoteiro em cada portinhola.

Enquanto esperavam o trem de socorro pedido para a retaguarda, pelo aparelho telefônico portátil dos escoteiros, que viajavam de volta no trem, o médico narrou ao chefe todo o acontecido, de que fora testemunha. Eis a narrativa, mais tarde completada pelo menino, depois de restabelecido:

“Quando, depois de estabelecida a ligação telefônica, Luiz falava com o guia de plantão, sentira que o poste se desviava da vertical e, combalido pela torrente de chuva, tombara sobre os trilhos, rompendo a linha e trazendo na queda o menino, que felizmente nada sofreu. Erguendo-se, Luiz procurou reatar a comunicação, mas nesse instante um clarão lívido cegou o escoteiro, jogando-o de encontro à barreira do corte com violência. Um estrondo formidável se ouviu. Quando abriu os olhos Luiz verificou que escapara de ser fulminado; felizmente a faísca elétrica, atraída pela massa metálica da ponte, precipitara-se sobre o viaduto, cortando-o ao meio, e torcendo vigas e vergas de aço com se fossem palha. A chuva aumentara, o vento e trovões

sucessivos atordoaram Luiz, que cambaleava; mas reagindo, num grande esforço, o menino pensou no meio de comunicar-se com a estação próxima. Ligou de novo a duas pontas do fio, restabelecendo o circuito e conseguiu falar, pedindo que negassem a licença aos trens que a pedissem, pois o viaduto desabara.

A queda súbita de outro poste tornou a interromper a comunicação. O Luiz pareceu então que os seus pés vibravam... estava com ambos assentes sobre um trilho. Deitou-se rapidamente, colocou o ouvido ao trilho e percebeu não só a trepidação como o ruído característico de um comboio, que se aproximava em grande velocidade.

Ergueu-se horrorizado e deitou a correr ao encontro do trem, sob as rajadas de chuva, que o cegavam e faziam tropeçar e cair por diversas vezes. Assim escoriou as mãos e os joelhos, que vertiam sangue.

Um quilômetro, mais alguns metros e o ruído, que aumentava corporizou-se no vulto imponente da locomotiva, que surdia na neblina da água...

Luiz sem cessar de correr, desatou o lenço vermelho do pescoço, agitando-o sobre a cabeça e transformando-o em bandeira de sinal. Sentia já o resfolegar da locomotiva, que vencia o espaço, em marcha reduzida felizmente pela prudência do respectivo maquinista.

De súbito ouviu-se um sibilo fortíssimo, chiaram os freios, estalaram as molas e um jato de vapor branco silvou sob a locomotiva. O trem com todos os freios apertados e válvulas abertas veio estacar, bufando, a três metros do Luiz, que levado pelo impulso da carreira, caiu sobre o limpa-trilhos, ferindo-se na frente e perdendo os sentidos. O maquinista vira o sinal vermelho do lenço do escoteiro!"

IV

O maquinista, foguista e o chefe do trem saltaram imediatamente e vieram socorrer o menino. Logo cercado por diversos passageiros, Luiz foi conduzido para o trem, onde os companheiros de escotismo o reconheceram, e declararam a sua identidade. Logo examinado pelo médico que viajava no trem, Luiz abriu os olhos e balbuciou:

- Viaduto caiu... raio... linha interrompida!

E tornou a desfalecer.

- Este menino, concluiu o médico em uma roda de passageiros, despendeu uma soma de energia tal, que um homem forte facilmente seria por ela abatido. É admirável que no meio de uma tormenta como a que nos assaltou, ele tenha tido outra lembrança que não fosse a da própria segurança individual. Foi de uma iniciativa extraordinária, de uma lucidez de espírito e rapidez de decisão que só se encontram reunidas em cérebros muito bem organizados de grandes estrategistas, capitães de nomeada, quando em meio de batalhas encarniçadas, concebem e realizam planos que produzem vitórias! Merece bem um prêmio do Governo quem assim arrisca a sua vida para salvar a de trezentas pessoas!

- E há de tê-lo, Dr. Por isso me responsabilizo eu, em nome do Governo!

- Oh! Meu caro amigo!

E os dois homens, que assim se reconheciam eram nada mais nada menos, do que um Senador Federal e o Ministro da Viação, que, por acaso, eram passageiros daquele trem.

- Terá a medalha de 1ª classe! Continuou o Ministro. É de fato um menino extraordinário!

- O Sr. Ministro da Viação me há de perdoar... interveio o chefe de escoteiros, que tudo ouvira. Sem querer diminuir o mérito do meu irmão escoteiro Luiz, posso garantir que é um ato ordinário da nossa Lei, e que dos trinta e seis escoteiros que aqui estão agora, trinta e cinco fariam a mesma coisa!

- E por que exclui um, Sr. chefe escoteiro? Perguntou o Ministro sorrindo.

- Por modéstia, Sr. Dr. Esse sou eu.

- Bravo! Mas afinal, a que é que se deve todo esse belo espírito de sacrifício?

- Ao escotismo, Sr. Ministro. É ele que no artigo 3º do nosso Código, que é a nossa Lei, declara: "**O escoteiro é um homem de iniciativa**". O Luiz não podia, como bom escoteiro, que o é, ficar inativo. Cumpriu o seu dever... e o dever do escoteiro é sempre cumprido, mesmo com o sacrifício da vida!

Uma salva de palmas acolheu a declaração do chefe.

- Seja como for, o menino é um herói!

Ouviu-se um mugido profundo, ao longe. No horizonte, para trás do trem estacionado, elevou-se um penacho de fumo negro. Era o trem de socorro, que chegava chamado pelos escoteiros.

ART. 4º

“O escoteiro aceita, em todas as circunstâncias, a responsabilidade dos seus atos”.

I

Zezé, filho único do capitão Rosário, era um guri de 10 anos, esperto e falador, de desenvolvimento normal e, no grupo de escoteiros de que fazia parte, tinha a seguinte ficha:

“- José Rosário – 10 anos – filho do capitão Antonio Rosário – Tez clara, olhos negros, cabelos castanhos, - natural de Niterói. Altura: 1,18m; tórax: 0,64m; peso: 31 quilos; braço: 1,21m; palmo: 0,18m; pé: 0,21m; índice vital: 50. Passos em 10 metros: 17. Vista: ótima; ouvido: ótimo; tato: perfeito; olfato: ótimo – Noviço, prestou compromisso em:.....; gênio: alegre – propensão para desenho e música.”

Frequentava o Zezé uma escola pública primária onde era também aluno distinto. Sempre limpinho, trazia também cuidados seus livros e seu equipamento de escoteiro. Respeitoso para todos, jovial com os companheiros, obediente, diligente, seria Zezé a nata dos meninos se não tivesse um defeito – único que se lhe podia apontar: - o de ser tímido ou medroso; e de tal forma que, na previsão constante de uma advertência ou de um castigo, procurava sempre atribuir aos outros os atos que ele praticava ou as frases que proferia, sem a intenção contudo de prejudicar ou intrigar os companheiros. Simples timidez ou receio.

Seu instrutor, rapaz de 19 anos, escoteiro completo, que o estimava pelas suas reais qualidades, lutava constantemente para fazê-lo perder aquele defeito, não o tendo conseguido ainda. Quando advertido particularmente, o menino procurava defender-se, mas apertado terminava por chorar e prometia não repetir o que fizera, mas na primeira ocasião – era fatal! – Fugia à responsabilidade, naturalmente, como se estivesse praticando uma boa ação. Por esse motivo os seus companheiros o traziam sempre com prevenção e pouco crédito ligavam às suas afirmativas ou degenerações. Quando sucedia que alguém, um escoteiro ou mesmo o instrutor, perguntava:

- Quem disse, ou que fez isto ou aquilo?

Surdia, rápida, a resposta de dois ou três:

- O Zezé, com certeza, não foi!

E ele, se ouvia a pilhéria, afirmava logo:

- E não fui eu mesmo! – Muito embora tivesse sido ele.

Esse defeito do menino era conhecido também em casa, onde o Capitão Rosário costumava dizer ao instrutor Lobo, com quem palestrava amiúde:

- No dia em que o senhor conseguir acabar com o defeito do Zezé, eu acreditarei na eficácia do escotismo.

E chamava o instrutor de sonhador, utopista, afirmando que o **tal de escotismo**, só servia como auxiliar da educação física dos meninos, porque metodizava as artes e estripulias.

Por isso, em uma excursão que por aqueles dias se realizara, o instrutor apanhando o Zezé a jeito, depois de ter o menino reincidido ainda uma vez no seu grave defeito, lhe disse, tomando-o à parte:

- Zezé, eu cada dia fico mais desenganado com você! É o único escoteiro, dos 37 que eu dirijo que não quer compreender que, fugir à responsabilidade dos próprios atos, é uma deslealdade, é mesmo uma

covardia, e em certos casos, quando envolve a responsabilidade de outras pessoas inocentes é quase um crime! Por que você não se emenda?

O menino, de cabeça baixa, não respondeu. O instrutor continuou:

- Você não vê que assim ninguém mais o toma a sério? Que ninguém confia nem acredita em você? Que você compromete seus companheiros que já começam a fugir da sua companhia?

E como Zezé continuasse calado, de cabeça baixa, o moço levantou-lhe a cabeça segurando-a pelo queixo e verificou então que o menino chorava silenciosamente.

Então, segurando-o pelos ombros, e passando-lhe a mão nos cabelos, Lobo lhe disse:

- Não chore Zezé! Você vai me prometer aqui, especialmente, que de hoje em diante será leal, sincero e que nunca mais fugirá à responsabilidade dos seus atos... Não é, Zezé?

O menino enxugou os olhos com a manga e respondeu ao gesto. Vá!

- Prometo.

- Aceito a sua promessa! Respondeu simplesmente Lobo estendendo a mão ao menino que correspondeu ao gesto. Vai!

II

Na cidade, em que se passou a história real que estamos contando, existiam bondes elétricos que cruzavam em várias direções ruas e praças principais. Entre elas, pela configuração do terreno, havia uma ladeira bastante íngreme, a ladeira do Mirante, que embora o seu grande declive, era trafegada por uma linha de bondes. E como

era estreita a rua em ladeira, a linha não era dupla; e para evitar desastres haviam sido adotadas disposições especiais.

Assim o bonde que descia a ladeira, fazia-o sem corrente no motor, apenas freado; e para garantia da linha transversal, que na base da ladeira, cortava a outra linha, havia sido construído um desvio morto, por onde seguiam os carros que demandassem à estação de depósito dos bondes. A chave desse desvio ficava sempre fechada, e só era aberta pelos motorneiros, quando iam recolher os carros.

Nas proximidades do local residiam diversos escoteiros do grupo do Zezé; ele, porém, tinha sua residência no cimo da ladeira, em rua transversal, mas costumava descer, para brincar com os companheiros, nas imediações da linha morta.

Em certa tarde Zezé, que se dirigia para casa a uniformizar-se para a reunião da noite, na sede do grupo, ao passar pelo desvio, lembrou-se de fazer uma pilhéria ao motorneiro, que teria de parar o carro, e abriu a chave.

O menino fez aquilo sem a mínima intenção má, apenas por travessura; e indo pra casa nem mais se lembrou do que se passara e do que fizera.

À noite, quando já reunidos na sede o instrutor e os meninos, ia ser dado início aos trabalhos, a voz de um garoto apregoou na rua os vespertinos:

- **O Farol! A Sentinela!** O grande desastre da ladeira do Mirante! Morte e ferimentos!

O instrutor, chegando à porta, comprou um jornal, e pôs-se a ler a notícia, ouvido pelos escoteiros em semicírculo, como usavam fazer.

- "Um bonde sem governo. Horrível desastre. Esta tarde, um bonde que descia a ladeira do Mirante perdeu o governo, por se ter partido o freio e despenhou-se pelo declive, causando extraordinário

pânico aos passageiros. Ao chegar ao fim da ladeira, despontou na linha transversal, outro bonde, que atravessava. O desastre foi horrível. Em 2ª edição daremos outros pormenores, pois estas simples notas são rabiscadas com a terceira página no prelo.

- Que horror! Clamaram vários meninos impressionados.

Os escoteiros entreolharam-se e começaram a trocar impressões em voz baixa, até que o apito de Lobo os alinhou rapidamente para o exercício.

O instrutor percorreu com o olhar a fileira de meninos e notou a atitude estranha de Zezé, que, em contrário ao seu costume, estava de feições contraídas e cabisbaixo.

- Está doente Zezé?

- Não senhor! Respondeu o menino retificando a posição e erguendo a cabeça.

- O Zezé está se preparando para dizer que não foi ele!... Sussurrou um a meia voz.

A pilhéria correu rápida a fileira provocando sorrisos e cochichos.

- Senti... do! Ordenou o instrutor.

E a linha se imobilizou corretamente. Começou a recitação do Código.

III

À porta da sede ouviram-se palmas, pedindo permissão para entrada. Lobo foi à porta e achou-se em presença de um senhor, tipo de estrangeiro, que delicadamente perguntou:

- Dá-me permissão?

- Pois não! Faça o obséquio de entrar e dizer o que pretende.

- Eu sou o Gerente da Companhia de Bondes Elétricos, disse o homem entrando, de chapéu na mão, e aqui vim por causa do que aconteceu na ladeira do Mirante.

- Não compreendo... O que temos nós que ver com esse desastre?...

- Têm muito! Respondeu o visitante com um sorriso enigmático. Têm muito até. Eu vou explicar...

Como a cena se passava em plena sala de exercícios, os escoteiros em forma não perdiam uma palavra do que se dizia. O estrangeiro continuou:

A linha que desce a ladeira tem uma chave que dá entrada para o desvio morto do depósito de carros e que está sempre fechada. Hoje na hora em que o carro sem governo desceu a ladeira... o senhor já leu no jornal, não?

- Já li!

- Pois bem! A essa hora a chave estava aberta. Quem abriu a chave? É isso que eu venho saber.

- Como posso eu informá-lo? Indagou Lobo surpreendido.

- Eu explico. Vim aqui porque sei que foi um menino que abriu a chave, poucos minutos antes do caso... Nas vizinhanças me informaram que esse menino pertence a um grupo de escoteiros daqui perto. Preciso saber qual foi.

Um frêmito de pavor percorreu a fileira de escoteiros. Pela mente do instrutor passou num relâmpago a visão terrível de um escoteiro do seu grupo, abrindo a chave e causando assim o desastre do bonde desgovernado... Cena sangrenta! E a responsabilidade moral que desse menino se refletia sobre o grupo, que era menina dos seus olhos. Qual seria esse escoteiro? Foi balbuciando que o Lobo disse ao gerente:

- E para que quer o senhor saber?

- Ora! É a minha obrigação apurar tudo o que se relaciona com o caso. É melhor do que vir a polícia...

Lobo estremeceu, mas revestindo-se de sangue frio voltou-se para a fileira de meninos imóveis e perguntou em voz firme:

- Quem foi que abriu a chave da ladeira?

Seguiu-se um silêncio impressionante. O gerente sorria interessado. De súbito uma voz firme e decidida falou:

- Quem abriu a chave da ladeira do desvio fui eu!

Um murmúrio de espanto se fez ouvir. Fora Zezé quem falara.

- Um passo à frente! Ordenou Lobo.

O menino destacou-se da fileira, com a garganta seca, os olhos brilhantes e a boca entreaberta como se lhe faltasse o ar.

- Lamento profundamente, disse o instrutor em voz lenta e grave, enquanto os escoteiros baixavam a cabeça contristados. Lamento profundamente que primeira ocasião em que você, cumprindo o seu dever, assume deliberadamente a responsabilidade de seus atos, seja obrigado a fazê-lo para se declarar culpado de uma leviandade – e não creio que fosse uma maldade – da qual resultou tamanho desastre que veio a fazer mortos e feridos, levando...

- Tá! Tá! Tá! Interrompeu o gerente. Pare homem! Não diga tolices!... Oh, perdoe, mas...

E dirigindo-se para Zezé, petrificado:

- Eu quero abraçar este menino e premiá-lo em nome da Companhia!

E suspendendo o menino no ar, o gerente beijou-o nas faces, abraçando-o apertadamente, com espanto indescritível do Lobo e dos escoteiros.

- Mas senhor...

- Eu explico! Este menino evitou o desastre, salvando da morte dezenas de pessoas que viajavam nos dois carros.

Um silêncio de estupefação reinou por instantes, como a calma que precede as tempestades. De súbito irromperam hurrahs! frenéticos; a fileira desfez-se e os escoteiros precipitaram-se para Zezé, erguendo-o nos ombros, e passeando-o em triunfo pelo salão, para levá-lo depois ao instrutor que o recebeu nos braços, confundindo com as do menino as suas lágrimas de alegria.

IV

O garoto apregoava à porta da sede:

- **O farol!** Segundo clichê! O desastre da ladeira do Mirante! Última hora! Um menino que salvou duzentas pessoas!

Já o gerente voltava da porta e num círculo de escoteiros lia em voz alta:

- "Completando e retificando a nossa notícia de primeira edição, podemos agora tranquilizar os nossos leitores, sobre o que, no primeiro momento foi chamado desastre a ladeira do Mirante". É que a Providência Divina, pela mão de um menino arteiro, fizera abrir a chave do desvio morto, que costuma estar sempre fechada. Desse modo foi evitado o desastre que vitimaria talvez mais de cem pessoas que viajavam nos dois bondes e que, de volta do trabalho, se recolhiam aos seus lares.

O bonde nº 395, que descia a ladeira, desgovernado, sem freios, iria infalivelmente chocar-se com o de nº 302, que naquele momento surdiu à sua frente, atravessando a linha. O motoneiro deste último pressentiu o choque e inverteu a corrente, mas pela sua frente já passava como uma bólide o bonde que descia e que, enveredando pelo desvio aberto pela Providência, correu ainda até o depósito pela

impulsão que trazia. Se não fosse o desvio aberto, o desastre era fatal!

Apenas o grande susto que sofreram os passageiros dos dois carros e um ou dois faniquitos foram o resultado do caso.

O instrumento usado pela Providência, e que foi um menino mais ou menos conhecido pelos moradores do local, está sendo ativamente procurado pela Companhia de Bondes, que quer premiar a sua... travessura bendita!”

- E esse prêmio será entregue pela Diretoria da Companhia em outro dia e com a solenidade que o caso requer. Como chama? Concluiu o gerente.

- José Rosário, filho do Capitão do Exército Antonio Rosário! Informou Lobo.

O gerente tomou nota da residência de Zezé a quem abraçou ainda uma vez e ao despedir-se, Lobo pôs em forma todos os meninos e lhes disse:

- Meus amigos, o Zezé que conhecíamos, aquele Zezé, que nos amofinava a todos com suas evasivas e que declinava sempre de si qualquer responsabilidade; aquele Zezé que mereceu de todos vocês o apelido de Zezé-Não-Fui-Eu; sumiu-se... não existe mais. Em seu lugar surgiu um escoteiro cômico dos seus deveres e que, respeitando o artigo quarto do nosso Código, é um escoteiro que **aceita em todas as circunstâncias a responsabilidade dos seus atos**, ainda mesmo quando essa responsabilidade o conduza ao castigo, à punição...

- Ou à recompensa! Acudiu o gerente. Agora, um conselho para todos: Deixem sempre as chaves dos trilhos como estão, abertas ou fechadas, porque nem sempre é a Providência que aproveita para o bem as travessuras dos meninos. Há casos, e quase sempre assim acontece, em que as aproveita o diabo!... Boa noite!

ART. 5º
“O Escoteiro é leal e cortês para com todos”.

I

Pela estrada que liga duas cidades do interior do Estado do Rio viajava a cavalo, vindo de uma estação, um senhor de aspecto simpático e cujos trajés denotavam certo conforto, que bem se alinhava à distinção de maneiras.

Em dado trecho a estrada, mal conservada, confundiu-se com a campina e o viajante que, provavelmente, não conhecia o terreno, desviou-se do caminho seguindo uma trilha que o conduziu à floresta. Em breve reconheceu que estava extraviado. A sua montaria estava cansada, precisava refrescar o cavalo e mitigar, ele próprio, a sede que o sol causticante lhe havia causado. Não se lhe deparava, porém, fonte ou nascente de espécie alguma. Resolveu então apeiar-se, para folgar a montaria e refrigerar-se um pouco à sombra das árvores.

Deixando o cavalo em liberdade, o viajante sentou-se em uma raiz e refletia sobre a sua situação, quando surdiu na aberta em que se achava, um menino de 13 anos presumíveis, que olhou curiosamente para ele e já se retirava quando o viajante lhe dirigiu a palavra:

- Ó menino!
- É comigo que está falando?
- Pois com quem mais há de ser? Venha fazer-me um favor...
- Favor?... Enfim, diga lá! Respondeu o menino sem se aproximar.

- Onde é que se encontra água por aqui perto?...
- Água, por aqui? É coisa que não há.
- Uma fonte, um riacho!
- Qual! **Você** aqui tem de morrer de sede...

O viajante embora melindrado pelo tratamento pouco cortês de **você**, disse ainda:

- Bem. Diga-me então, qual é o caminho mais curto para ir à cidade de P.

- Então **você** não sabe?

- O menino, com as pernas afastadas, mãos enfiadas nos bolsos da calça, parecia gozar da dificuldade do homem.

- Se soubesse não perguntava! Observou este.

- Pois então **se arrume!** Eu também não sei.

- Não mora por estes lados?

- É de sua conta?

- Bem. Desculpe! Resmungou o viajante admirado de tanta grosseria.

- Olhe! Vá andando em frente do nariz que dá com as **ventas** na cidade.

E o menino soltando uma risada, meteu-se de novo no mato.

- Que malcriação! Disse o viajante. Esse pequeno promete...

Depois, erguendo-se, foi buscar o cavalo que roia uns arbustos e, montando novamente, pôs-se a caminho pela picada, monologando:

- Afinal vou seguir a indicação daquele insolentezinho. Seguir em frente do nariz, até dar com as ventas... em qualquer parte.

Dentro de dez ou quinze minutos, o viajante encontrou-se com outro menino que, caminhando em sentido contrário, desviou-se da picada para lhe dar passagem, tirando o seu gorro e cumprimentando:

- Boa tarde, senhor!

O viajante correspondeu com a mão e ia passar, quando se arrependeu e estacou o animal.

- Boa tarde, pequeno. Você para que lado vai?

- Vou para a cidade P., respondeu o menino, tirando o gorro.

Ponha o seu boné filho. Sabe então o caminho?

- Moro lá. O senhor está dando costas à cidade...

O viajante voltou a montaria e continuou:

- E sabe onde há água perto?

- só daqui a um quilômetro mais ou menos; eu posso guiá-lo até lá.

- Há pouco encontrei um outro menino que não era bem criado como você e me deu indicações erradas.

- Talvez não soubesse...

- Sabia sim, quis se divertir à minha custa; falta de educação...

- Também pode ser.

- Mas não é preciso você se desviar do seu caminho por minha causa. Basta que me indique a direção.

- Não me desvio, porque o meu caminho é este mesmo.

- Então há de me fazer o favor de montar comigo.

- Vou incomodar...

- Qual! Dá-me prazer até...

E estendendo a mão ao menino, o viajante convidou-o:

- Venha!

- Não é preciso! Respondeu a criança.

Afastando-se um pouco, tomou impulso e com um salto firmou as mãos na anca do animal e, leve como uma pena tomou a garupa do cavaleiro.

- Já vejo que você é um montador consumado...

- Basta um pouco de prática. Na vida é preciso saber de tudo um bocadinho

- Noto também que você tem educação pouco comum em meninos da sua idade.

- A educação que papai me deu foi pouca, porque ele é... carvoeiro e mal sabe ler, mas eu sou escoteiro e o Código, que eu devo cumprir, manda ser educado e respeitador.

- Ah! É escoteiro? Mas... ainda assim. Você fala corretamente...

- O escotismo também corrige os erros de pronúncia e de linguagem, e depois eu estou no colégio. Se ando agora por estas alturas é porque estamos em férias e eu fui à vila de M. levar dinheiro para pagar uma conta.

- E atravessou toda esta floresta, sem receio? Admirou-se o viajante.

- Não tenho receio. Sou escoteiro.

- É exato. Tinha me esquecido! Disse sorrindo o cavaleiro. É pena que o outro menino que encontrei não fosse escoteiro. Não teria me desgostado tanto e talvez já estivesse a esta hora em casa do amigo que vou visitar.

- O senhor pode me descrever esse menino?

- Posso porque os seus modos impertinentes recomendaram à minha observação. É ruivo, cabelos espetados, sardas no rosto...

- Quase sem sobrancelhas e nariz muito arrebitado; concluiu o menino.

- Você o conhece?

- Sei quem é. O Mario. Com efeito, é pouco educado e o seu maior prazer é enganar os outros, para rir-se à custa dos enganados.

- Devia ir ao escotismo regenerar-se! Observou o viajante.

O menino sorriu:

- Ele já é escoteiro.

- Que me diz?

- É sim senhor. Mas o nosso chefe está quase desistindo de conservá-lo na tropa porque é incorrigível.

- Tem pai?

- Tem sim senhor! É o Dr. Josias Machado, prefeito da cidade e médico muito estimado. Mas esse menino mesmo diz que nem o pai pode com ele.

Chegaram à fonte que o menino anunciara. O escoteiro firmando as mãos no selim saltou para trás, caindo de pé a dois metros, quase, do cavalo. O viajante apeou-se, armou um copo de alumínio que tirou do bolso e bebeu com visível satisfação um pouco de água cristalina. O escoteiro fez o mesmo com as mãos em concha, e depois conduziu o cavalo para se desalterar, poupando esse trabalho ao viajante, que lhe agradeceu.

- Agora, disse o menino, está o senhor no caminho da cidade, que pode distar uns dois quilômetros. Daqui à uma hora, sem correr, e seguindo esta vereda que sai na estrada, estará lá.

- Por que não vem comigo?

- Ainda tenho que dar um recado de papai.

- Vou sentir falta de sua companhia.

- Muito agradeço ao senhor.

- Até a vista, então... disse o viajante estendendo a mão ao menino, que a apertou, descoberto. Como se chama você?

- Joaquim de Oliveira, um seu criado! Respondeu o menino.

- E onde mora?

- Na cidade.

- Rua?

- Travessa da Capela.

- Número?

- Não tem, disse o pequeno, rindo-se. Seria muito luxo. É uma carvoaria.

- Bem. Agora eu: sou Deoclécio Moraes, Senador da República, médico e seu amigo sincero e agradecido.

- Eu é que agradeço, Sr. Doutor.

- Vou à cidade em visita a um amigo: o Coronel Felismino Pereira, conhece?

- Conheço sim senhor. É fazendeiro importante do município, e tem um palacete na cidade; além disso, é o senhorio de papai...

- Ah! Fez o Senador. Pois haveremos de nos encontrar meu camaradinha... Até a vista...

- Até a vista, Sr. Doutor.

O menino, cumprimentando ainda uma vez, afagou o pescoço do cavalo e partiu com passo firme, até perder-se de vista, pelo olhar penetrante do Dr. Moraes, que abanava afirmativamente a cabeça, amadurecendo um plano que formara.

No dia seguinte, à tarde, penetrava na travessa da Capela, um senhor elegantemente trajado que vagarosamente seguia, mirando as casas, até encontrar-se à porta de uma carvoaria, em cujo interior um homem empilhava sacos de carvão, com as mangas arregaçadas e o rosto e mãos enegrecidos de moinha.

Ao lado da carvoaria, e contrastando com os portões sujos de carvão, encostava-se uma pequena casinha de duas janelas de guilhotina, ornadas interiormente de cortina de filó, e cuja entrada se fazia por um portãozinho de madeira, pintado de verde e ensombrado por uma trepadeira de flores escarlates.

O passeante bateu com a bengala no umbral da carvoaria e chamou:

- Ó Sr. Oliveira!

O carvoeiro voltou-se e vendo um cavalheiro desconhecido e bem trajado, passou a manga pelo rosto e veio até a porta:

- V. S. sabe o meu nome?

- Porque não?

- Mas V. S. não é daqui.

- E que tem isso amigo?

- Alguma encomendazinha?

- Nada! Eu queria falar com o seu filho Joaquim.

- O Quinzinho?

- Justamente!

- O senhor... perdão, V. S. conhece o meu Quinzinho?

- Amigo do meu filho?

E o carvoeiro procurava limpar mais o rosto, que se tornava ainda mais sujo, pelo pó acumulado na manga da camisa.

- Geninha! Ó filhoca!... Diz ao Quinzinho que tem aqui um senhor amigo dele... V. S. faça o favor de entrar aí ao lado, no portãozinho verde!... Ó Geninha!

O visitante, que outro não era senão o Dr. Moraes entrou por uma saleta recebido pela Geninha, mocinha de 18 anos, modestamente vestida, que se desculpava:

O senhor não repare que a casa é de pobre!

Na saleta, adornada com flores artificiais e paninhos de crochê, viam-se nas paredes alguns desenhos a crayon e dois esboços a aquarela.

- São suas estas pinturas? Perguntou o senador.

- Não senhor! São de Quinzinho...

O senador observou os quadros, mas seus olhares admiravam e analisavam de soslaio a mocinha, de rosto perfeito, olhos grandes, boca mimosa, porte gracioso, e que se parecia bastante com o irmão.

O Joaquim entrou muito corado e sorridente.

- Não esperava pela minha visita, não é assim?

- Confesso que não esperava essa honra, Sr. Dr.

- Eu quis tornar a vê-lo. Já estava com saudades...

- Muito obrigado pela sua bondade...

- Seu irmão, senhorita, cativou-me, num encontro que tivemos, pela sua urbanidade e distinta educação...

- Papai é muito pobre, mas sempre fez como mamãe fazia: ensinar os filhos a respeitar os mais velhos e a serem delicados com todos...

- Fazia? Então sua mamãe...

- Morreu há três anos.

O senador encarou em silêncio os dois filhos do carvoeiro, que haviam baixado a cabeça à recordação do ente querido que se fora...

Quebrou o silêncio a voz do carvoeiro, que entrava, depois de uma limpeza sumária, e dizia:

- V. S. desculpe a casa de pobre...

- De rico! Atalhou o senador. Não pode ser pobre quem possui estas duas jóias!

E apontava os dois filhos do pobre homem, que concordou:

- Lá isso é verdade! São a minha consolação... Ó Geninha vê um cafezinho.

- Não se incomode senhorita. Eu prefiro a sua presença.

A mocinha corou e deixou-se ficar. A palestra continuou cordial, e o senador narrou seu encontro com Joaquim, depois de haver sido desconsiderado por outro menino. Quando o senador se despediu, uma

hora depois, levava a promessa de uma visita do menino, e também a convicção de que encontrara uma família com sentimentos nobilíssimos. Soubera que o carvoeiro vivia com as maiores dificuldades para manter decentemente a sua casinha. Que o menino ajudava o pai, quando podia, não se furtando mesmo a conduzir em um carrinho de mão os sacos de carvão para a casa dos fregueses. Que a mocinha interrompera os estudos, por morte de sua mãe, mas que era prendada e muito carinhosa. E recordando tudo isso, o senador Dr. Moraes fazia voltear a bengala com ares satisfeitos.

Chegando à casa do Coronel, seu amigo, o médico interpelou-o:

- Ó coronel, tens muitas casas aqui na cidade?
- Tenho umas dezoito. Por quê?
- Queres ceder-me uma?
- Ceder-te... Hora essa! Pois não tens esta?
- Não. Quero comprar-te uma de tuas casas!
- Comprar-me uma casa?...

Sim. A da travessa da Capela. Quanto queres por ela?

- A carvoaria? Ora que idéia! Vais ser sócio do carvoeiro?...
- Quem sabe?...

O coronel derreou-se da cadeira em gostosa risada.

- Não rias que o caso é sério!
- Então queres mesmo?
- Quero! É negócio decidido... Dize o preço!

E o senador puxou do bolso o caderno de cheques. O Coronel coçou o queixo, a ponta do nariz e afinal declarou:

- Por ser quem é para mim... oito contos de réis!... Rende-me 80 mil réis mensais.

O médico destacou o cheque, que preencheria e firmara, entregando-o ao Coronel.

- Aí estão nove contos. Não quero incomodar-me. Manda preparar tudo. Lavra a escritura amanhã mesmo em nome de Joaquim de Oliveira, menor, filho do carvoeiro, teu inquilino. Usufruto para ele e seus descendentes.

O Coronel abiu a boca, espantado, e disse:

- Mas, senador...

- Faze o que eu digo, e dá ao diabo o que pensas!

III

O carvoeiro e o filho voltaram do tabelião, cientes da doação da casa, feita por uma pessoa cujo nome ele não quis declarar.

- Está tudo muito bem... mas é preciso saber quem foi...

- Ora, papai! Quem podia ser?

- O teu amigo doutor?

- Pois então.

- Mas por que cargas d'água?

- Isso é o que eu hei de saber. Deixe a coisa comigo.

E Joaquim, depois do meio-dia preparou-se para retribuir a visita do senador. Revestido de seu uniforme de escoteiro, botas polidas, cinto envernizado, dirigiu-se à residência do Coronel, que o recebeu muito bem, mas declarou-lhe que o Senador saíra e que já estava demorando. Joaquim perguntou que rumo tomara o Senador ao sair.

- Ah! Ele disse que ia visitar a represa da fábrica de papel, mas que o esperasse para almoçar. Já são duas horas...

- Vou procurá-lo!

E, saudando o Coronel, Joaquim dirigiu-se em passo de escoteiro (vinte passos ordinários e vinte em acelerado) para os lados da represa.

Em breve avistou o imenso lençol de águas, verdadeiro lago artificial, mas notou que logo à beira do cais muralha, que continha a água, se aglomeravam muitas pessoas, formando um grupo agitado. Joaquim partiu em passo de carga e ao chegar, rompendo o agrupamento, viu deitado de costas um menino no qual reconheceu logo o Mario, filho do prefeito, tendo junto dele, ajoelhado, sem paletó e todo encharcado, o Senador, que lhe prestava socorros médicos.

Sem dizer palavra, Quinzinho ajoelhou-se também e auxiliou o médico a provocar a respiração artificial no menino, que afinal agitou-se, dando demonstração de voltar à vida.

- Continua as fricções no peito, Joaquim, disse o médico erguendo-se.

E voltando-se para os operários que o cercavam acrescentou:

- Agora é preciso transportá-lo para um lugar quente, dar-lhe um reconfortante, trocar-lhe a roupa...

- Na minha casa, senhor, podemos ter tudo isso, menos a roupa... respondeu um operário.

- A roupa eu empresto! Acrescentou um pequeno que ali se achava.

E assim foi o Mario socorrido, e mais tarde transportado em trole para a residência de seu pai.

O Senador trocara a sua roupa pela de um operário, enquanto, de bicicleta emprestada por outro, ia Joaquim à casa do Coronel buscar muda completa para o doutor, que espirrava conscienciosamente.

Voltando para a cidade, mais tarde, o Senador e o escoteiro, foram acolhidos alegremente pelo Coronel, que reteve o menino para a refeição. Durante ela, o Senador teve que contar o caso, o que ele fez sucintamente.

“- Quando cheguei à muralha da represa já ali encontrei o meu mal educado da floresta, que reconheci logo, mas a quem não liguei atenção. Ele, porém, provocou-me com uma pergunta galhofeira: Já encontrou o caminho da cidade? – Já, lhe respondi severamente. Ensinou-me um menino tão bem educado quanto você é insolente! – Já sei, respondeu ele. Há de ser o engrossador do Joaquim!

Dei-lhe as costas e comecei a percorrer a muralha, quando de súbito ouvi um grito e voltei-me. O menino havia caído e debatia-se aflito na água. Fiz o meu dever, não é assim, meu amiguinho? Sei nadar, graças a Deus; tirei o paletó e o calçado e fui buscar o pobrezinho, em dois ou três mergulhos. Logo acudiram diversos operários, e eu desempenhei o meu papel de médico, depois de ter sido Terra Nova!”

Joaquim levantou-se do seu lugar, e dando a volta à mesa, dirigiu-se ao Senador, a quem disse:

- Eu vim aqui hoje para lhe agradecer o presente que fez a mim e a minha família, e que nós não merecemos...

- Eu?... Disfarçou o médico.

- Sim. Mas agora reconheço que o senhor é mais do que um amigo; é um santo que sabe praticar o bem, esquecendo as injúrias...

E beijou a mão do Senador, que o abraçou com carinho. O Coronel para disfarçar a comoção disse:

- Eu, cá por mim, deixava o diabinho se afogar!...

- Para que há de ser mentiroso, Sr. Coronel?... Na sua idade é muito feio! Gracejou o menino.

- Eu sou mentiroso? Replicou o Coronel formalizado.

- Pois então? O Sr. Coronel fazia o mesmo que o Sr. Doutor fez!

- Não fazia não! Palavra! Afirmou o fazendeiro.

Depois estourando em gostosa risada, explicou:

- Eu não sei nadar, menino! Dá cá um abraço!...

Nesse momento vieram prevenir o Senador que o seu colega, o prefeito, lhe mandava pedir a fineza de chegar até a sua residência, pois seu filho Mario queria falar-lhe.

- Digam que eu vou já! Joaquim quer vir comigo?

- Não sei se devo...

- Sei eu! Vamos!

Lá chegando, o prefeito introduziu-os no quarto onde repousava o menino, ainda muito abatido. O Senador adiantou-se, ficando Joaquim perto da porta, na penumbra do quarto.

- Então como vai isso? Estava bom o banho? Perguntou alegremente o Senador.

- O senhor... balbuciou o menino. O senhor me perdoa?

- Perdoar o quê, meu filho? Disse o Dr. Moraes. Acariciando os cabelos ruivos do Mario.

- Tudo! Tudo que eu disse e fiz para o senhor... Eu não sabia que o senhor era tão bom!

- Mario, eu já te perdoei... Se não te houvesse perdoado, logo eu teria deixado que o teu corpo fosse para o fundo da represa, não achas? Não te quero mal, mas ouve o que te digo: Não é por eu ser bom que devias tratar-me bem. Deves tratar todo mundo com a maior gentileza possível, sejam bons ou maus! Se a pessoa for boa, como tu dizes que eu sou, ficará te querendo bem; se for má, não achará motivos para te querer mal, não é?

Mario chorava.

- Não chores meu filho. Sou teu amigo e te quero bem...

- Eu também queria ver o Joaquim... murmurou o pequeno, puxando a mão do Senador, que beijou.

- Estou aqui! Estou aqui, Mario! Exclamou Quinzinho correndo a abraçar o companheiro.

- Tu também me perdoas?

- Nunca me fizeste mal, meu irmão!... Apenas te esqueceste do artigo quinto do Código, que, como eu, juraste cumprir!...

- Qual é esse artigo? Perguntou o pai de Mario, que assistira a tudo intensamente comovido.

- **“O escoteiro é leal e cortês para com todos.”** Respondeu Joaquim.

- E isso não custa nada! Concluiu o Senador.

Mario restabeleceu-se rapidamente e tornou-se a sombra, o espelho do Joaquim, ao qual procurava imitar em tudo.

Quinzinho, dentro de um ano, se matriculava, por influência do Senador, na Escola de Belas Artes, onde não tardou a ser um aluno distinto. O carvoeiro deixara o negócio e era agora administrador dos prédios do Coronel Felismino Pereira. O Senador Deoclécio Moraes voltou para a Capital Federal, mas fazia frequentes visitas ao seu amigo Coronel Felismino.

... E diziam à boca pequena que muito em breve correriam os proclamas de casamento da senhorita Eugênia Oliveira, a irmã do Joaquim, com o Dr. Deoclécio Moraes, Senador da República...

ART 6º

“O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmãos, sem distinção de classe social”

I

- Já te disse que isso é impossível. Tu tens de ocupar na fileira o lugar que te compete pela altura...

- Mas eu sou da mesma altura que o Pedro. Posso trocar com ele.

- Se ele quiser. Mas por que essa mudança de lugar?

- Por nada! É uma mania!

- Pois então vê se o Pedro está de acordo.

E o monitor Luiz, tendo assim resolvido o caso, foi tratar de outro assunto. Julio, o escoteiro que com ele conversava, procurou o Pedro a quem propôs trocarem de lugar na fila.

- Mas trocar para quê?

- Porque eu prefiro ser o nº 2 da fila.

- Não entendo.

- É simples Pedro, Se eu for cerrá-la, não preciso estar com tanta atenção às vozes, sou muito distraído. Como cerra-fila, só tenho que fazer o que o nº 1 fizer.

- Parece que você está mentindo...

Julio corou, mas não respondeu.

Enfim, eu troco, porque para mim é indiferente. Já falaste ao monitor?

- Já. Foi ele que me disse que isso dependia só de você.
- Então trocamos.

O monitor avisado não se opôs e o Pedro passou a ficar, na forma, vizinho do Alfredo. Ora, o Alfredo era um mulatinho fusco, de cabelo encarapinhado, e filho de um quitandeiro.

Na primeira vez em que a patrulha do monitor formou, Julio ficou entre dois meninos brancos, e Pedro ao lado de Alfredo. Este perguntou a Pedro por que é que Julio trocara de lugar, tendo como resposta que Julio preferia ser cerra-fila; e ao Pedro, o seu vizinho Rogério declarou que gostara da troca porque Julio era muito **cheio de si**.

O instrutor, ao verificar a troca, teve um sorriso e murmurou:

- Já compreendo!

Quando terminou o exercício, Julio foi procurado pelo mulatinho, que lhe perguntou:

- Por que é que você não quis ficar perto de mim? Eu lhe fiz alguma coisa?

Julio olhou sobranceiro para ele e, encolhendo os ombros, respondeu:

- Tenho que te dar satisfações?

Alfredo, humilhado, não insistiu, mas olhou significativamente para as suas mãos cuja pele escura era a mesma que lhe cobria o rosto e todo o corpo, e sentiu um calor subir-lhe às faces.

Julio era filho de um rico banqueiro e fazia alarde ostensivo da posição social do seu pai, que lhe permitia trajar-se com apuro, usar botas finas, e mesmo em uniforme, eram de melhor qualidade o pano e os apetrechos. Não raro ia aos exercícios, na sede, de automóvel; e

a sua merenda nas excursões constava sempre de finas iguarias e gulodices caras. Ele, aliás, não repartia com os companheiros, com o pretexto de que o médico da família lhe havia proibido comer o que de ordinário os outros levavam: carne assada, bananas, ovos duros, salame, etc. O seu copo era de prata com monograma.

Os outros escoteiros viam tudo aquilo, mas não ligavam ao caso, limitando-se a achar que o Julio era um desfrutável.

O instrutor, porém, já vinha notando com desprazer aquelas exceções à regra escoteira, e agora, com a troca efetuada, pensou em dar uma lição ao menino. E estudava o melhor meio de o fazer, quando o acaso veio proporciona-lhe o que ele pretendia.

Marcada uma excursão para certo domingo, o instrutor, à hora de sair da sede, declarou que o fim da excursão era segredo; e a uma pergunta de Julio sobre o local da excursão, pois queria mandar o automóvel esperá-lo, o instrutor objetou que o escoteiro obedece sem discutir e que, se assim não quisesse, poderia dispensá-lo, mas por uma vez.

Julio calou-se remoendo umas coisas, que ninguém ouviu; e o partido, pois seguiram duas patrulhas, pôs-se a caminho e dentro de duas horas se achavam em plena mata do Sumaré. Ali a floresta densa era penetrada, de quando em vez, por grandes farrapos de nuvens, que formavam nevoeiros espessos, onde mal se distinguem os vultos.

O instrutor determinara um serviço de exploração, em que os meninos, uma vez destacados, deviam reunir-se em ponto dado, dirigindo-se cada um por si só, com o auxílio de cópias da planta do local, calcadas sobre a carta do Estado Maior do Exército.

Julio, que não primava pela diligência, uma vez a sós, tratou de seguir a picada, que ia ter ao ponto de encontro de reunião, e nem uma vez se orientou.

Ia disposto a fantasiar umas observações sobre a flora, fauna, etc. Mas, envolvido pelo nevoeiro, o menino se transviou, e agora, indeciso, um tanto atemorizado, se havia detido, sem conhecer mais a picada. Assim ficou algum tempo, à espera que o nevoeiro passasse; este, porém, cada vez mais denso se tornou e Julio já não distinguia mais, à frente e em redor de si, os troncos distantes de cinco metros.

Um silêncio pesava sobre a floresta, onde, tolhidos pelo nevoeiro úmido, nem os pássaros piavam. Julio teve medo; tirando do bolso o seu apito – de prata, aliás – por três ou quatro vezes fez trilhar o sinal S.O.S, pedindo socorro.

Nada, porém, lhe respondeu. O menino, tomado de pavor crescente, pensou nunca mais tornar a ver o sol, a sua casa, seus pais, e já choramingando, caminhou ao acaso, trêmulo e sem voz sequer para gritar.

Afinal, penetrado pelo orvalho do nevoeiro, tolhido de medo, positivamente assombrado, deixou-se cair, soluçando e chorando baixinho:

- Mamãe!... Mamãe!...

II

O instrutor Lauro, ao ver que o tempo prometia mudar e vendo a carga de grossas nuvens que envolveriam em breve toda a serra da Tijuca e Corcovado, deu por findo o exercício, fazendo trilhar o sinal convencional para a reunião.

Em menos de meia-hora, vindos de diversas direções, os escoteiros começaram a chegar, agrupando-se em torno de Lauro, que os ia identificando de um em um, com o auxílio dos monitores. No fim estavam todos presentes, menos um. Quem era?

- O Julio! Exclamaram diversos meninos.
- Silêncio, ordenou Lauro.

De novo, e por vezes, soou o apito agudo do instrutor chamando à reunião. Nenhuma resposta, porém, se ouviu.

- Ficou para trás como é sempre o seu costume!

Vamos procurá-lo. Cada um de nós vai percorrer de novo o caminho andado, sempre se comunicando uns com os outros, por meio da voz. O apito fica reservado para quem encontrar o Julio. Entenderam?

- Perfeitamente!
- Cuidado, não vão também se perder! Contemo-nos primeiro!

Contados os presentes verificou-se a falta de outro menino. Era o Alfredo.

- Mas agorinha mesmo ele estava aqui! Disse o Pedro.
- Alfredo! Chamou o instrutor.

Nenhuma resposta.

- Bem! Procuremos os dois...

Os meninos, cautelosamente, se dispersaram, ouvindo na mata, aqui e ali, a chamada:

- Oi!... Oi!...

Ao que respondiam outros:

- Alerta!

Voltemos, enquanto eles procuram, ao posto em que Julio, abatido de pavor, soluçava baixinho, chamando pela mamãe.

Meia-hora já havia decorrido, quando no meio do nevoeiro se moveu um vulto que, de quatro pés, rente ao chão, parecia um animal da mata, que se aproximava com rapidez relativa, seguindo por onde Julio viera, e parando de vez em quando, como se farejasse o rastro.

Ora deitava-se, ora erguia-se a olhar muito de perto galhos e arbustos. Até que, de súbito, a poucos passos do menino, quase desmaiado, o vulto ergueu-se e lançou-se sobre ele, exclamando:

- Julinho!...

E o acento daquela voz era de sincera alegria. À exclamação e ao contato das mãos que o seguravam, Julio, num sobressalto agarrou-se ao vulto, abraçando-se com ele e clamando ainda:

- Mamãe!...

- Não tenhas medo Julinho. Sou eu, o Alfredo! Todos estão te procurando, mas fui eu que te achei...

- Alfredo!... Exclamou Julinho reconhecendo o mulatinho.

E pondo as duas mãos nos ombros do companheiro afastou-o de si para o ver melhor, mirar o rosto quase negro, onde brilhavam os olhos ainda úmidos de lágrimas do cafuzo.

- Sou eu mesmo! Vem. Podes andar?

Julio levantou-se e sem dizer palavra, apanhou o chapéu, colocou-o à cabeça e disse, já senhor de si:

- Vamos!

- Por aqui, Julinho.

E Alfredo seguiu à frente, afastando os ramos.

- Nós vamos encontrá-los já! E trilhando o apito por três vezes deu o sinal do achado.

- Alerta! Gritaram de diversos lados.

- Julio e Alfredo! Clamou o mulatinho.

- Achados! Todos dois!...

Exclamações e tropel de corridas no mato, e logo, cercados pelos companheiros, os dois meninos foram levados à presença do instrutor, que respirou aliviado.

- Como te perdeste, Julio? Indagou... ele.

- Eu quis seguir para o ponto de reunião, sem explorar o mato e sem consultar a planta e me extraviei no nevoeiro. Apitei, chamei, mas ninguém me ouviu... Tive medo e caí junto de uma árvore...

- Quem te encontrou?

- Foi Alfredo.

- Como o encontraste? Indagou o instrutor do cafuzo.

- Desandei o caminho até encontrar as pegadas do Julio e acompanhei o rastro!

- Como pudeste reconhecer as pegadas de Julio?

- Ora!... é o único que usa sapatos de sola fina e saltos de borracha...

- Bravo! Exclamou o instrutor. Serás premiado pela tua argúcia...

O vento que se levantara de terra, impelia para o mar as moles de vapor que, aos poucos, se iam rompendo nas franças do arvoredado, e logo do céu, radiantemente azul, desceu a luz despertando a passarada, que parecia saudar em trinados a volta do escoteiro extraviado. O instrutor continuou:

- Louvo a tua iniciativa e a boa ação que praticaste Alfredo! Escoteiros! Uma salva por ele!

- **Ran! Ran! Pá! A-na-u-ê!** Gritaram compassadamente os meninos, com os braços erguidos, e batendo as palmas, ao ritmo do salva. Um silêncio, e logo a seguir:

- **Al-fre-do!**

Os chapéus foram sacudidos freneticamente no ar. Julio se havia conservado imóvel e calado. O instrutor surpreendido interpelou-o:

- Então, você, Julio, não saúda o Alfredo?

- Não chefe, não tenho esse direito enquanto não lhe pedir perdão do meu orgulho...

E Julio estendia os braços ao mulatinho, que se atirou neles, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Desta vez não houve convite do instrutor. O brado irrompeu vibrante:

- **Ran! Ran! Pá! A-na-u-ê! Ju-li-o!**

O instrutor abraçara o Julio, a que disse baixinho:

- Eu estava com receio de ser obrigado a te dispensar da tropa!

- Eu era um bobo, chefe... Agora não serei mais!

- Em forma para a volta! Ordenou o instrutor.

- Você **destroca** comigo? Suplicou Julio a Pedro.

Este riu-se, e mesmo sem consultar o monitor, os dois meninos voltaram aos seus primitivos lugares.

Dois dias depois passava Julio com sua mamãe pela calçada da rua das Laranjeiras, quando de repente, o menino vendo um pequeno de seus onze anos, todo envergado ao peso de um cestinho de bananas e couves, deixou sua mãe e abraçou-se a ele, sem cerimônias, comprometendo o equilíbrio do cesto.

- Que é isso, Julinho? Tenha modos! Censurou a senhora, sacudindo e alisando a roupa fina do menino. Abraçando quitandeiros no meio da rua!

- Não diga assim, mamãe. Olhe!

E o menino mostrava à sua mãe, estupefata, a mão direita aberta, com os três dedos unidos e distendidos, e o polegar recurvado sobre a palma, por cima do dedo mínimo.

- Que é isso?

- Isto, mamãe, é que fez que a mamãe não perdesse o seu Julinho de medo e de frio, no Sumaré!...

Sabe? Aquele quitandeiro é meu irmão!

ART 7º

“O escoteiro é generoso e valente; sempre pronto a auxiliar os fracos mesmo com o perigo da própria vida.”

I

Voltando do exercício na sede, Antonio naquela noite de Maio, recamada de estrelas e perfumada pela brisa que vinha das florestas e dos jardins, que acariciara, sentia-se bem disposto e, rememorando as explicações, os comentários, que o instrutor fizera aos escoteiros sobre os artigos do Código, repetia consigo:

-...**generoso e valente**. Para ser generoso e valente deve-se perdoar e esquecer as injúrias, as ofensas e até mesmo o insulto, desde que não afetem a honra ou a pátria. Foi isso que o chefe explicou. Então... eu vou procurar o Chico; ainda é cedo; mamãe só me espera às dez horas.

O menino caminhava decidido, de cabeça erguida, busto empinado, cômico do seu valor e tranquilo de consciência.

Pertencente a um grupo de escoteiros onde já figurava como de segunda classe, Antonio tinha no livro de registro do instrutor as melhores referências e apenas uma nota destoante: “...muito sensível ao amor próprio; dificilmente esquece qualquer brincadeira, que ele sempre leva a mal e procura ensejo para se desferrar.”

Ora, entre os meninos, que moravam nas cercanias de sua residência, havia um que, embora raquítico e fraco apesar dos dezesseis anos que contava já, tinha por vezo implicar com os outros

rapazes, ridicularizando tudo e todos, e indo às vezes até o ponto ofensivo.

Incapaz pela sua compleição física e natural covardia de resistir a qualquer esforço, o Chico fugia às correções com toda a ligeireza de suas pernas cambaias; mas de longe, repetia as provocações.

Antonio era uma de suas vítimas preferidas; quando Chico o pilhava uniformizado então é que o seu estro mais se manifestava.

Antonio era capaz, mais moço embora do que o outro, de dar-lhe uma lição e aguardava uma ocasião oportuna em que pudesse fazer, sem escândalo.

Naquela noite, porém, refletindo sobre a lição do seu instrutor, se convencera de que não devia responder aos insultos do Chico com violência, e um plano interessante se lhe dedicava na mente.

Perto de sua casa avistou o Chico, que, no meio de três ou quatro rapazes, ensaiava os dardos de pilhérias ferinas, sobre um vizinho qualquer que à janela se aproveitava da frescura da noite.

Antonio aproximou-se de manso e, irrompendo no grupo, segurou de súbito o Chico pela gola da camisa e com um puxão o fez voltar-se de frente para ele. O outro, covarde como era, tentou escapar-se, mas Antonio agarrou-o pelo braço e prendeu-o ao lugar. Os outros, interessados na sova que eles já calculavam que o Chico ia levar, quedaram-se expectadores.

- Olha Chico. Sempre que eu passo, fardado ou não, tu achas motivo para me debochar, me insultar mesmo, como costumás fazer com todo mundo. Eu nunca te peguei porque não queria me dar ao desfrute de correr atrás de ti pela rua.

O Chico tremia, pálido e apavorado, certo de que ia apanhar uns tabefes, pois não poderia resistir ao pulso nem à agilidade de Antonio, treinado em exercícios físicos. O escoteiro continuou:

- Eu podia te dar, agora que te peguei de supetão. Mas sou escoteiro e sei perdoar as injúrias e esquecê-las. Se me prometes mudar de feitio e não implicar mais com ninguém, seremos amigos, queres?

E largando o braço do cambaio, estendeu-lhe a mão leal. O outro, sem responder, esfregou o braço que Antonio segurara e, acenando com a cabeça afirmativamente, pousou a mão mole, sem energia, na mão que o escoteiro lhe estendia.

- Vê lá! Trata de mudar de vida, pois se eu não te castigo porque devo ser generoso, outro qualquer pode um dia te agarrar deveras! Boa noite! Esqueço tudo o que me tens feito.

Antonio, sacudindo a mão do Chico, afastou-se no seu passo firme e medido. Quando estava a uns trinta passos de distância a voz do Chico feriu-lhe os ouvidos:

- João Bobo!... Ó trouxa!... Escoteiro de borra!... Idiota!...

E uma série de insultos caiu sobre ele enquanto o Chico ganhava distância. Antonio estremeceu, parou por um momento, reprimindo o ímpeto de voltar. Deu de ombros, porém, e continuou a caminhar, murmurando apenas:

- Coitado! Nunca teve quem lhe desse educação!

II

Antonio nem mesmo aos seus companheiros contou o que se passara e continuou a atravessar a rua, às mesmas horas e pela mesma calçada. Teve, porém, a ventura de não encontrar mais com o Chico.

Oito dias decorreram sem novidade, até que em uma terça-feira, indo para a sede, à tardinha, no dobrar da esquina da rua em que

morava, Antonio viu de longe um ajuntamento, em que sobressaíam rapazotes dos que costumavam aplaudir as façanhas do Chico. Antonio apressou o passo, e logo reconheceu o cambaio, que no centro do ajuntamento estava seguro por um homem vigoroso e que exclamava enfurecido:

- Agora vais pagar tudo por junto, coxo do inferno!

O Chico procurava se defender com um braço dos repelões do homem, que lhe aplicava formidáveis sopapos. Antonio não pôde se conter, e varando o grupo dos observadores, pendurou-se pelas mãos ao braço do homem que espaçava o Chico e gritou:

- Chega cidadão! Basta de bordoada...

O homem, surpreendido, parou na pancadaria, mas sem largar o Chico:

- Quem é você? Quer apanhar também?

- Sou escoteiro, não está vendo?

O homem procurou desvencilhar-se de Antonio, sem conseguir desprender o braço, porém.

- Com certeza, é algum ajudante deste cachorro nos insultos a quem passa!

- O senhor se engana! Contestou Antonio sem largar o braço do homem, que por sua vez também não queria largar o Chico. Eu sou, pelo contrário, uma vítima dos insultos dele.

- Pois então ajude-me a castigá-lo.

- Não posso consentir que o senhor, que é muito mais forte, dê numa criança doente!

- Não é ele criança e nem doente para implicar e ofender todo mundo! Já é a terceira vez que este canalha me ofende quando eu passo. Hoje peguei-o... mas ainda não estou satisfeito!

- Pois deve estar, porque não dá mais nele!!!

- E quem é que me impede?
- Eu!
- Tu? Um pirralho? Disse o homem.

Com um safanão inesperado o homem conseguiu livrar-se de Antonio, que se agarrou de novo ao braço.

É uma covardia bater num desgraçado. O senhor não é um covarde, está se vendo! Largue o Chico!

- Larga-me tu, fedelho!
- Não largo!

O homem, desorientado abriu a mão que segurava o Chico para apanhar o Antonio, que assim que viu o movimento, gritou:

- Foge Chico, aproveita!

Este não esperou, e abalou aos saltos, humilhado e contundido. O homem, colérico, largou Antonio para agarrar o Chico, mas o escoteiro tomou-lhe a frente:

- Basta! Se está com mania de dar pancada dê em mim, porque nele o senhor não bate mais!

O homem ergueu o punho ameaçador sobre Antonio, mas quando o punho desceu, violento, só encontrou o vácuo, pois Antonio furtara rapidamente o corpo, saltando para um lado. O homem, para não perder o equilíbrio, deu dois passos à frente e voltou-se estupefato. Em posição natural Antonio olhava-o sorridente e estendendo-lhe a mão com lealdade, disse:

- Vamos fazer as pazes? O senhor não pode ter raiva de mim, que não lhe fiz nada!

- Deixaste escapulir o diabo!
- Era o meu dever.
- Mas tu não foste também vítima dele?

- Que tem isso? Um escoteiro esquece e perdoa as ofensas, porque é generoso!

- Mas por que não me deixaste terminar a sova?

- Porque o escoteiro deve ser o defensor dos fracos, até mesmo com o perigo de sua vida...

- Então achas...

- Acho que o Chico já apanhou bastante e que o senhor pode ir tranquilo porque ele nunca mais se mete com a sua pessoa...

- Nem com ninguém! Disse uma voz humilde por trás dos dois interlocutores.

O círculo de expectadores já se havia desfeito, visto como a luta cessara e o homem e o escoteiro, voltando-se, deram com o Chico, que de olhos baixos se aproximara, fora do alcance da mão.

- Chega aqui Chico! Não tenhas medo que esse senhor não te bate mais.

O cambaio chegou-se para perto do grupo e disse:

- O senhor me perdoe e você também Antonio. Eu não mexo mais com ninguém!

- E por que essa transformação? Perguntou o homem. Não podias ter feito isso antes?

Porque só agora é que eu compreendi que fazia mal, muito mal!...

- Agora, hein? Depois que apanhaste!

- Não senhor! Replicou o Chico, erguendo a cabeça. Depois que vi Antonio, que eu também ofendi tantas vezes, em vez de ajudar o senhor a bater-me, me defender e ajudar a fugir... Se Antonio quisesse ser meu amigo...

- Quero sim, Chico! Já te ofereci a minha mão... Dá-me um abraço e não sejas nunca mais aquele Chico implicante e ofensivo...

- Nunca mais! Eu juro! Disse o Chico, abraçando o escoteiro.
- Visto que é assim, eu também perdôo...
- O resto da sova! Concluiu rindo o escoteiro.

O homem riu-se também, e tirando do bolso um cartão, acrescentou:

- Isso também é falta de ocupação. Toma! Procura-me amanhã neste endereço e eu te arranjarei um emprego.

E deu o cartão ao Chico.

- Muito obrigado! Disse este.

- Agradece a esse escoteiro que num instante me mostrou que é agradável perdoar e fazer o bem. Menino! Dá-me a tua mão.

E o homem apertando a mão de Antonio, afastou-se, deixando o escoteiro, que passando o braço pelo ombro do Chico o ia conduzindo insensivelmente para a sede... onde se aprende a honra e a bondade.

ART 8º

“O escoteiro pratica todos os dias uma boa ação, por mais modesta que seja.”

I

A coisa que mais havia intrigado o menino Raul, quando se propusera a ser noviço no grupo de escoteiros do bairro, era o nó que os meninos davam na ponta do lenço que traziam ao pescoço, e que ele via atado em uns e nos outros desatado. Tratou logo de indagar a razão daquela circunstância; e muito admirado ficou quando o Severo,

que havia sido o seu apresentante ao grupo, escoteiro já de segunda classe, lhe explicou que o nó na ponta do lenço, dado todos os dias pela manhã, lembrava ao escoteiro que era obrigatória a prática de uma boa ação naquele dia, embora essa ação fosse muito simples, muito modesta. E o Severo acrescentou:

- O escoteiro só tem o direito de desfazer o nó do seu lenço, depois de ter praticado a boa ação.

- E o que é boa ação? Indagou Raul. Como é que se pratica?

O Severo explicou:

Chama-se boa ação, por exemplo, ajudar qualquer pessoa num serviço, ou a fazer qualquer coisa, mesmo sem ela pedir; amparar um velho ou uma criança para atravessar a rua ou subir em uma calçada; erguer do chão um objeto que uma pessoa deixe cair; ler a taboleta de um bonde para quem não souber ler ou enxergar pouco; indicar o caminho ou uma rua a quem perguntar; ir chamar um médico; levar uma carta; enfim, tantas coisas que se pode fazer e que não é possível explicar tim-tim por tim-tim...

- E quando um escoteiro não consegue fazer uma boa ação durante o dia todo? Como há de ser?

- Isso é difícil de acontecer! Sempre há uma ocasião; há tantas ocasiões mesmo, que a gente às vezes até pratica uma boa ação sem reparar...

Os dois meninos caminhavam, a par, de volta da sede, por uma calçada meio arruinada. De repente, Raul pisando em falso ia torcendo o pé, quando num gesto instintivo e natural, Severo segurou-o pelo braço, impedindo-o de cair.

- Viste Raul? Sem querer, sem procurar, pratiquei uma boa ação...

- É tão fácil assim? Indagou Raul admirado.

- Pois é. Já vês que não faltam ocasiões.

- Ah! Então eu posso ser escoteiro sem nó no lenço! Disse o menino rindo-se. Mas escuta Severo: a gente nem sempre está fardado. Como é que se há de fazer com o lenço?

- O lenço serve só quando a gente está em uniforme. Fora disso não é preciso, mas o escoteiro tem sempre a preocupação de praticar uma boa ação. Depois, se quiseres, podes ter o lenço com o nó dado, na cabeceira de tua cama; quando fizeres a boa ação, chegando em casa, desatas o nó.

- Então basta fazer uma boa ação? Uma só?

- Não. O escoteiro deve fazer quantas puder; agora, o que ele não deve é deixar passar um dia sem praticar pelo menos, uma. Entendeste?

- Ah! Agora já compreendi...

Raul passou então a interrogar Severo sobre outros pontos dos deveres do escoteiro.

Daquele dia em diante o menino tornou-se, por assim dizer, o fiscal dos lenços de seus companheiros; quando via algum deles com o significativo nó nas pontas do lenço, indagava logo:

- Oh! Homem! Será possível que você não tivesse hoje uma ocasião de praticar a B. A.?

E se o interpelado respondia naturalmente:

- Você não está vendo o nó? É sinal de que não tive mesmo ocasião.

- Pois admira! É tão fácil! A gente faz até sem querer!

Tornara-se proverbial na tribo de escoteiros a preocupação de Raul e os companheiros, por brincadeira já, o procuravam de vez em quando para dizer-lhe:

- Olha **chefe!** Já desatei o nó!

- Muito bem! Respondia Raul sem se alterar.

E acrescentava sempre:

- Pois é tão fácil!

Afinal o menino prestou o seu exame de noviço e pode realizar o seu intenso desejo: envergar o uniforme de escoteiro! Com ele, envolveu a gola num vistoso lenço vermelho, que era a cor da tribo. E quando, ao ser investido regularmente, o instrutor passando-lhe o lenço pela gola, atou as duas pontas em nó, perguntando:

- Sabes o que significa este nó?

Raul respondeu:

- Sei. A boa ação que devo praticar todos os dias.

- Não te esqueças, portanto, do artigo 8º do nosso Código.

- Não esquecerei... Pois se é tão fácil!

E de volta para casa, aonde chegou radiante, desatou o nó com grande satisfação. Tinha praticado a B. A. regulamentar: empurrara com o pé para a sarjeta uma casca de banana, que jazia na calçada. Ao deitar-se, lembrando ainda o caso e as impressões do grande dia, Raul repetia já embalado nos braços de Morfeu:

- É... tão... fá... cil !!!

II

Passaram-se os dias e Raul não perdera uma só ocasião de desatar o nó de seu lenço, que, de acordo com o que lhe havia lembrado Severo, ele trazia em evidência à cabeceira de sua cama, quando não estava uniformizado. Todas as manhãs, ao levantar-se, Raul não se esquecia de fazer o nó simbólico.

Sua mãe, a quem ele explicara o caso, achou muita graça da história e certa vez, logo que Raul saiu do quarto, ela desatou o nó.

Antes de sair para a aula o menino voltou ao quarto para apanhar seus livros e, dando com o lenço de pontas soltas, correu a indagar quem teria feito aquilo.

- Com certeza foste tu mesmo! Disse-lhe a mãe sorrindo. É que praticaste alguma boa ação e desataste o nó sem querer...

Isso é que não pode ser! Foi você mãe, para bulir comigo...

- Fui eu mesma meu filho. Achei que já havias praticado hoje uma boa ação, e desatei o nó.

- Agora é que eu digo que foi sem querer, pois não me lembro disso. Que foi, mãe?

Deste a sopinha a tua irmãzinha, enquanto eu estava ocupada com outra coisa.

- Ora, mãe! Isso é obrigação minha! Não vale! Se fosse assim nunca se amarrava o nó! Tenha paciência, mãe, mas eu vou dar o nó outra vez...

Assim Raul continuava, como vemos, preocupado com a sua boa ação diária, sem que por isso, porém, esquecesse os outros seus deveres de filho, de irmão, de colegial e de escoteiro. O seu instrutor, o monitor de sua patrulha e o próprio Severo já o havia cumprimentado pela sua constância. Raul respondera como de costume... é tão fácil!

Ora, sucedeu que em certo dia o Raul, às duas horas da tarde, já de volta de suas aulas, não havia ainda conseguido motivo sério para desatar o nó. Caminhando, o menino lançava o olhar para todos os lados, improficuamente e murmurava:

- Hoje está um caso sério! Nem um escorregão! Nem uma casquinha de banana! Todos levaram merenda, não tive com quem repartir; ninguém brigou para eu apartar e fazer as pazes! As velhas e as crianças não querem atravessar a rua; e, até apreço que hoje todos

sabem ler e ninguém me pergunta o caminho, nem deixa cair embrulhos! Que maçada! Será possível que eu hoje não desate o nó? E é dia de exercício, hoje!...

Apesar de tudo o Raul chegou em casa, jantou, e às 6 horas da tarde partiu para a sede, sempre sem poder desatar o nó.

Raul estava pesaroso; e foi cabisbaixo que ele entrou em forma para a chamada. Quando lhe chegou a vez de exhibir o seu lenço, o menino, meio engasgado, declarou:

- Um nó!

Um murmúrio, longo, corrido, percorreu a fileira. Era a primeira vez, ia para seis meses, que se ouvia a voz de Raul responder à revista de B. A. sem ser com a palavra:

- Safo!

O que indicava que o seu lenço não tinha nó. O instrutor, surpreendido, aproximou-se do menino e, levantando-lhe o queixo que ele trazia enterrado ao peito, indagou:

- Que é isso Raul?

- Não houve meio de achar uma ocasião! Eu bem procurei!... Respondeu o menino confuso.

- Já vês que a coisa não é tão fácil como afirmas sempre. Não deves, porém, ficar triste. Daqui até meia-noite ainda há muito tempo! Acrescentou sorrindo o instrutor.

- Qual! O dia está perdido! Gemeu Raul.

- E depois, continuou o chefe, se não encontrares ocasião, dá segundo nó no lenço, e amanhã praticarás duas boas ações, obrigatórias! Ficas assim em dia com o artigo oitavo. Isso acontece a toda gente, Raul! E não é por isso que deixas de ser um bom escoteiro...

- Embora! Resmungou o menino.

Findo o exercício, Raul voltou para casa e recolheu-se ao leito, pendurando tristemente o seu lenço na cabeceira. Antes de dormir, o menino deu lentamente um segundo nó nas pontas do lenço; e aconchegando as cobertas, depois de fazer a sua oração, soltou um suspiro de mágoa.

No dia seguinte, à hora do exercício, à pergunta do instrutor sobre as B. A., Raul respondeu em voz vibrante e alegre:

- Safo!
- Então praticaste hoje duas boas ações? Perguntou o chefe.
- Não; uma só: a de hoje.
- Ficas devendo a de ontem. O teu lenço deve ter ainda um nó.
- Ixe! Antes da meia-noite eu consegui desatar o nó... Depois tornei a dar outro, que desatei hoje!

O instrutor não insistiu porque tinha plena confiança no menino; apenas riu-se com satisfação. Só mais tarde soube o chefe, por intermédio de um vizinho de Raul, o que havia acontecido.

Na noite triste em que Raul dera no seu lenço o segundo nó, não pudera conciliar o sono. Rolava na cama para um e outro lado, ouvindo a respiração profunda das pessoas de casa, que dormiam tranquilamente. O silêncio da noite, na rua calma, em que residia a família de Raul, era cortado apenas pelo trilo longínquo do apito preguiçoso de um guarda noturno.

De súbito Raul ouviu, distintamente, um ruído de ferro que arranha ou raspa madeira com grande precaução. O menino sentou-se no leito e prestou ouvidos. O ruído continuava, parecendo vir da casa do vizinho da esquerda, à qual, gêmea da em que morava Raul, tinha um quarto paralelo ao do menino; e ambos os quartos davam uma janela para o quintal.

O quarto de Raul estava apenas com as venezianas fechadas, pois o menino assim dormia, de acordo com os preceitos higiênicos que aprendera no escotismo. Raul levantou-se sem ruído para não acordar sua mãe que dormia no quarto contíguo. Trepando cuidadosamente sobre a sua mesinha de estudo, encostada à janela, ele ergueu-se na ponta dos pés e pode avistar por entre as frestas da veneziana e por sobre o muro, aliás baixo, que separava os dois quintais, o vulto de um homem, que se esgrimia contra a janela do vizinho, como querendo abri-la.

Raul desceu da mesa e refletiu rapidamente. Dar o alarme? Mas em sua casa não havia homem algum, o pai de Raul estava em viagem. O vizinho trabalhava à noite e costumava entrar em casa ao amanhecer. Que iniciativa tomar? O apito longínquo do guarda indicou-lhe a solução.

O menino vestiu rapidamente as calças e o paletó e, sem sapatos, atravessou os aposentos de casa, abriu a porta da rua; deixou-a encostada e voou numa carreira silenciosa até a esquina, de onde avistou o vulto do guarda noturno, palestrando com um colega de ronda.

Raul alcançou-os e contou-lhes o que tinha visto. Os dois guardas o acompanharam e, entrando por um terreno baldio aos fundos da casa, puderam cercar o ladrão, que intimidaram com seus revólveres e assim o prenderam em flagrante tentativa de arrombamento.

Tudo se passara sem grande ruído, de modo que ninguém acordara nas duas casas, e Raul, voltando à sua cama, depois de aferrolhada a porta da rua, desatou solenemente os dois nós; depois atou novamente o lenço com um nó, murmurando:

- Para amanhã!

Deitou-se com um suspiro de alívio e ferrou logo num sono tranquilo e repousado.

O vizinho só soube do caso pelo guarda noturno, e quando quis procurar o menino para lhe agradecer o serviço prestado à sua família, ficou perplexo ao ouvir a resposta de Raul:

- Eu é que fico muito agradecido ao senhor! Se não fosse o senhor não estar em casa eu perdia a minha B. A., e talvez ficasse com os dois nós!

Até hoje o vizinho não encontrou a explicação de tal resposta.

ART 9º

“O escoteiro estima os animais e se opõe a toda crueldade contra eles.”

I

A um canto da pequena clareira aberta na mata, onde acampavam os escoteiros, Manoel, deitado de bruços, a fio comprido, sobre o húmus espesso, tinha o queixo apoiado sobre as duas mãos e os cotovelos fincados no chão.

Ao seu lado, acocorado sobre os calcanhares, Josino, mais moço dois anos do que Manoel, acompanhava com atenção as observações que o seu camarada fazia sobre um cordão de formigas, entregues ao labor de conduzir para os seus celeiros subterrâneos pedacinhos de folhas e de musgo.

- Estas formigas falam umas com as outras, Manoel? Indagou o pequeno.

- Não! Respondeu com autoridade o futuro entomologista. Elas não falam, porque os animais não têm voz para isso, mas se compreendem perfeitamente. Repara naquela, que vem ali carregando uma folhinha inteira. Vês? Não pode com a carga sozinha. Depositou a folhinha no chão e vai procurar uma ajudante... Queres ver? Já encontrou uma desocupada... Repara como elas conversam: cruzam os chifrezinhos e batem com eles, uma na outra. Estão falando à moda delas...

- Há de ser Morse, talvez... Aventurou Josino.

- Quem sabe? Olha! Lá vão as duas para a folha... Viste? Uma segura por um lado, outra pelo outro lado, e lá vão... Uma anda de costas, recuando, a outra anda para a frente... Agora queres ver uma coisa?

Manoel, agarrando um pedacinho de graveto, atravessou-o no caminho das formigas. A primeira que encontrou aquele paredão à sua frente, parou, apalpou com as antenas (os chifrezinhos como dizia o Manoel) para um lado e para outro, reconheceu o obstáculo e voltou precipitadamente para chamar um formigão, que parecia ser o dirigente dos trabalhos.

- Deve ser o engenheiro... Observou Josino.

A formiga **conversou** com o formigão, que veio também reconhecer o obstáculo, e telegrafou com as antenas qualquer coisa à formiga, que rapidamente transmitiu a ordem a outras e, em breve, puxa daqui, empurra de acolá, tinham desviado do caminho o graveto, tanto quanto bastava para dar passagem às carregadeiras.

- Viste Josino, como são inteligentes? Não perdem tempo. Se fossem homens ainda estavam discutindo...

- Se elas fossem tão inteligentes, observou o petiz, não teriam afastado o pauzinho! Passavam por cima...

- Tu és bobo! Pois não vês que as que trazem carga nas costas custariam a subir e a descer?

- E os dois escoteiros continuaram a observar as formigas.

Isto se passava durante o descanso que o instrutor marcara aos meninos, dando-lhes liberdade por meia-hora – o que, em técnica escoteira se denomina: **tempo livre** – antes de recomeçar os trabalhos de campo. Os meninos se haviam espalhado em diversas direções, seguindo cada um a sua inclinação. Disso se aproveitava o instrutor para estudar os seus escoteiros, colhendo elementos para o seu registro particular, acerca do caráter e dos hábitos de cada um.

Alguns aproveitaram como Josino e Manoel, para examinar plantas e insetos; outros se estiravam cerrando os olhos, numa distensão do corpo abandonado sobre as folhas secas; outros, ainda, se entregavam à exercícios físicos, organizando apostas de saltos e torneios de mão; e mais alguns perambulavam a esmo, sem ocupação e sem descanso, como almas penadas. Para estes, principalmente, se voltava a atenção do instrutor. Eram os perigosos: os que não pensando, não tendo iniciativa própria, não sabem o que hão de fazer da sua liberdade.

Os dois entomologistas continuavam observando as formigas, que agora se haviam reunido em monte, rodeando o cadáver de um verme qualquer que Josino descobrira entre as folhas mortas e, com um pauzinho, atirara na estrada das formigas.

Grande conferência se formara, motivada pelo achado do bichinho morto. Mensageiras partiram em diversas direções, a buscar reforço. O formigão, que dirigia os trabalhos dispunha as operárias para o melhor transporte do valioso achado.

De repente um sapatão grosso e pesado caiu, como um ciclone, sobre o monte de formigas, esmagando tudo e ainda por cima raspando o chão para os lados, produzindo verdadeiro cataclismo, que aniquilou todo aquele operariado.

- Oh! Exclamou Josino, desolado, juntando as mãos.

- Malvado! Gritou Manoel, pondo-se de pé e encarando com severa feição o escoteiro que cometera aquela barbaridade. Você não é escoteiro!

O interpelado, um dos tais ociosos que cometera aquela barbaridade, irritou-se e respondeu:

- Bobo! Lamedor de formigas!

Manoel ia retorquir, quando o instrutor, que presenciara de longe o fato, interpôs-se entre os dois meninos e com a sua autoridade interrompeu o iminente duelo... de palavras. Soou um silvo de apito e logo todos os escoteiros entraram em forma, descrevendo um semicírculo em torno do instrutor, que reteve perto dele os dois meninos: Manoel, o entomologista e Oswaldo, o matador de formigas.

- Escoteiros! Disse o chefe. Manoel e Josino se distraíam, estudando proveitosamente os hábitos das formigas, quando Oswaldo pôs o pé sobre elas, esmagou-as, e espalhou, sem motivo, o cordão dos pequenos insetos, desrespeitando assim um artigo do nosso Código. Dou meio minuto para que Oswaldo se justifique.

Todos os escoteiros se conservaram imóveis e silenciosos. Oswaldo, de cabeça baixa, nada disse durante os trinta segundos concedidos. O chefe continuou:

- Oswaldo não encontrou justificativa para o seu ato. O escoteiro estima os animais e se opõe a qualquer crueldade contra eles. Ora, Oswaldo praticou uma crueldade, que ele tinha por dever impedir, se outro quisesse praticar. Mais ainda: Oswaldo a praticou de caso

pensado, a sangue frio, não o fez involuntariamente ou para se defender. Resolvam os seus irmãos sobre a pena que ele deve sofrer.

Todos os escoteiros, sem exceção, voltaram as costas ao menino, exclamando:

- **Iba!**

- Como vês, Oswaldo, os teus irmãos te declaram **iba**, que quer dizer: **mau**; e voltando-te as costas significaram que perdeste a consideração deles, até que te justifiques ou te desculpes... Fala.

- Reconheço que fui mau, disse o menino em voz surda. Mas prometo que não tornarei a fazer o que fiz.

- Aceito a promessa! Disse o chefe.

- **Ianê!** Clamaram os escoteiros, voltando-se de frente, sorridentes.

- Teus irmãos te declaram **ianê**, isto é: **bom**. Estás desculpado. Em forma.

Oswaldo e Manoel apertaram-se mutuamente as mãos e foram ocupar o seu lugar no semicírculo.

O instrutor aproveitou o ensejo para uma pequena preleção sobre o auxílio e proteção que se deve aos animais de qualquer espécie, desde que não constituam perigo para alguém. Fez ver aos meninos que é preciso fazer guerra, de fato, às formigas, com especialidade às saúvas que devastam plantações e colheitas. Mas naquele caso, em plena mata agreste, e nem mesmo sendo saúvas as formiguinhas que por ali buscavam alimento, não havia perigo para as pessoas ou plantas e, portanto devia-se deixá-las em paz. O incidente foi muito apreciado pelos escoteiros, pois o instrutor em seguida descreveu hábitos e costumes das formigas, dando-as como exemplo da economia previdente e da operosidade.

II

Oito dias depois dessa cena, em plena rua das mais freqüentadas da cidade, notava-se a certa hora da manhã um grande ajuntamento em torno de uma carroça, excessivamente carregada de tijolos.

Ao centro do grupo, o único mular que puxava o veículo, jazia caído e preso aos varais, com um palmo de língua pendente. Ao seu lado o carroceiro, homem rude e impiedoso, de chicote em punho, quedava-se hesitante, em frente de um menino, uniformizado de escoteiro, e que de cabeça erguida se interpunha entre o carroceiro e o animal tombado.

- Se você der, dá em mim! Dizia o menino, pálido mas calmo.

- Ó pequeno! Deus não me falte com a luz na hora da morte! Mas não me **atentes!** Sai-te daí... Esse burro é manhoso, ele há de levantar!

- Manhoso ou não eu não me afasto! Você já lhe bateu muito. Chega! Não seja bárbaro! Vamos desatrelar o burro, que ele se levanta...

- Ó menino! Tu nem sabes o que estás a **dizeri!** Se desatrelar o burro, quem é que ao **despois** suspende os varais?... Serás tu talvez...

- Eu, você, e todos que estão aqui... Tem tanta gente! Todos ajudam...

- **Cais o quê!** Só descarregando os tijolos...

Pois se descarrega! Eu ajudo...

Os espectadores, sem intervir, aguardavam o fim do espetáculo. Era revoltante! Afinal o menino começou a desafivelar uma correia, mas o carroceiro, indignado, pegou-o pelo ombro e deu-lhe um empurrão, jogando-o para o lado. Um **oh!** Partiu dos circunstantes

mas ninguém se moveu. O carroceiro, então, ergueu o chicote a toda a altura...

De um salto, o pequeno pendurou-se-lhe no braço erguido; desta vez com olhos em fogo e bradando:

- Não dê no burro!

Outro safanão e o menino foi rolar sobre o corpo do animal caído, que começou a estrebuchar. O chicote ergueu-se sobre o grupo do animal e o menino. Houve um murmurinho de indignação e algumas vozes arriscaram o clássico:

- Não pode!

O chicote, porém, não desceu. Seguro o pulso do brutamonte por uma mão firme, o chicote lhe foi arrebatado e uma voz enérgica bradou:

- Está preso!

Um suboficial da Armada, com a farda de aviador naval, pouca altura, vermelho, cabelo ruivo, olhar franco e leal, pulso de ferro, segurara o bruto carroceiro, entregando-o à guarda de uma praça de polícia que chegava. Depois, erguendo o menino de sobre o animal lhe disse:

- Bravo! Cumpriste o teu dever, escoteiro!

Voltando-se em seguida para a roda de espectadores, interpelou-os:

- O que é mais incrível é que no meio de tantos imbecis que assistiam a isto não houvesse um homem, que formasse, ao menos, ao lado dessa criança! Corja de fracos!

Diversos populares, porém, acorriam que auxiliaram o suboficial e o menino a safar o burro dos varais, e só então o escoteiro e seu protetor puderam afastar-se um pouco, deixando o caso entregue à polícia.

- Como te chamas? Perguntou o suboficial, fazendo o sinal de chefe escoteiro.

- Oswaldo Costa! Respondeu o menino perfilando-se e retribuindo a saudação.

- Tomo nota do nome para citá-lo como exemplo aos meus escoteiros.

- O senhor é instrutor? Indagou Oswaldo, o ex matador de formigas.

- Grupo do Centro. Escoteiros do Mar! Respondeu o suboficial.

E despediu-se do menino com um enérgico aperto da mão esquerda, seguindo o caminho e murmurando:

- Isto consola!... Isto consola!...

Art.10

“O escoteiro é sempre jovial e entusiasta e procura o lado bom de todas as coisas.”

I

Era um verdadeiro canário o escoteiro Arnaldo. Canário ou melro, porque ou a cantar ou a assoviar, ele estava de contínuo.

Só cessava a música quando estava em forma ou preso pelo silêncio obrigatório em certos exercícios. Mas aquilo era para ele um verdadeiro sacrifício, e assim que recobrava a sua liberdade, o Arnaldo se desmanchava todo em trilos variados, marchas e dobrados, tudo recheado de escalas mais ou menos cromáticas e complicadas.

Além disso, era o Arnaldo de uma inalterável bonomia. Podia cair um pedaço de céu velho, como se costuma dizer, que ele achava sempre o lado útil ou engraçado do caso. Nunca o viram zangado, aborrecido, amofinado e, sobretudo choroso. Nem mesmo quando sucedia machucar-se nos brinquedos ou exercícios dava mostras de enfado.

Em compensação o seu camarada Fábio era o choraminga do grupo. Mais velho do que Arnaldo, achava sempre motivo para lamentar-se de tudo e de todos, e queixar-se a todo o momento. Qualquer coisa era, para ele, contrariedade, infelicidade, azar...

Nas menores coisas encontrava sempre ensejo para arrepiar-se e, se sucedia dar uma topada ou arranhar um dedo, soavam gritos e lá vinham o choro, os gemidos, as lamentações.

Formando o dois meninos tão grande contraste eram, talvez por isso mesmo, muito camaradas. Arnaldo se encarregara de consolar Fábio em suas lamentações e o fazia sempre em três tempos, conseguindo, quase sempre, transformar as lágrimas e caretas do amigo em risos.

Por isso o chamavam na tropa: **Ama-seca do chorão.**

Quando acontecia o Fábio começar a lamentar-se, ou esboçava uma careta de choro, logo se ouvia o aviso:

- Lá vem água! Chama o ama-seca!

Até que um dia Arnaldo e Fábio foram escalados para um exercício de reconhecimento de postos avançados, à noite. Arnaldo logo que recebeu a ordem foi comunicá-la a Fábio, que começou a resmungar mil e uma objeções. Arnaldo, porém, interrompeu o **Jeremias** dizendo-lhe:

- Não pega nada! Tu vais ver, mocinho!

- Não gosto de exercícios no escuro...

- Escuro? Onde é que está escuro?
- Pois é de noite! No campo não tem iluminação...
- Não tem? E os vaga-lumes? Para quê servem? E as estrelas?
- Pode-se cair num buraco...
- É melhor do que cair em dois buracos!
- Pode-se esbarrar numa árvore!
- É melhor do que esbarrar numa onça!
- Hein? Você acha que neste campo tem onças?
- Onça, onça, não digo... mas com certeza tem pererecas!
- Estou falando sério!
- Eu também não brinco... Vamos. Já recebi as instruções...

Temos que ir ver para o lado de S. S. O. Postos de sentinelas do outro partido... Anda daí, bebê!

Sem responder, Fábio seguiu o camarada, encostando-se quase a ele, num gesto de receio. A estrada que os dois meninos palmilhavam era lisa e unida, de modo que rapidamente atingiram o limite da zona, um enorme tamarindeiro isolado. Dali por diante começava a exploração pelo campo. Arnaldo deliberadamente enveredou pela restinga, caminhando com cautela.

- Dizem que é bom assoviar para dar coragem! Aventurou Fábio.
- Uê! Assoviar aqui só serve para avisar o inimigo!... Cala a boca,

gigante!

Arnaldo continuou o caminho, seguido de muito perto pelo Fábio. Logo adiante o pé do primeiro enrodilhou-se numa moita de capim, e Arnaldo foi ao chão. Não proferiu um pio, mas Fábio soltou uma exclamação abafada.

- Hora essa! Eu é que caio e você é que geme? Disse Arnaldo sem se levantar.

- Você se machucou? Perguntou Fábio ajoelhando-se ao lado do camarada.

- Parece que torci um pé.

- E agora?

- Agora... tenho que destorcer, não é? Vai andando para a frente, enquanto eu faço uma massagem...

- Deus me livre! Eu espero...

E Fábio ia erguer-se quando Arnaldo segurou-o pelo cinto e o fez cair ao pé de si.

- Ai! Gemeu Fábio. Você me machucou!

- Quem te manda não saber cair.

- E você sabe?

- Sei, sim!

- Como é que torceu um pé?

- Torci coisa nenhuma! Isto foi uma torcida estratégica!...

Toda essa conversa era em voz baixa, mas Fábio, que não compreendera, quis levantar-se de novo. Arnaldo segurou-o de encontro ao chão, murmurando-lhe ao ouvido:

- Quietos bebês! Não te mexas!

- É onça?! Interrogou tremendo o pequeno medroso.

- Não... É apenas um **onço**!

Os dois meninos quedaram-se imóveis na macega, Arnaldo contendo Fábio e tapando-lhe a boca com a mão, antes que ele se lamentasse de novo.

Ouviu-se um ruído de ramos roçados por um corpo qualquer e uma voz murmurando baixinho:

- Foi aqui sim que eu vi o vulto...

- Era um só? Indagou outra voz.

- Só vi um. Levantou-se e deitou logo...

- Cuidado hein? É preciso que não nos peguem!

- Vamos um pouquinho mais adiante. Você sabe que, de noite, as distâncias enganam muito...

Os dois vultos – dois escoteiros do partido contrário – passaram cautelosamente, afastando-se do ponto e que Arnaldo continha o medo de Fábio.

- São duas sentinelas do outro partido. Estão fazendo o mesmo que nós... sussurrou Arnaldo ao ouvido do outro.

- E agora?

- Agora que eles passaram sem nos ver, nós vamos prendê-los.

- Nós?

- Pois então? Eu tomo conta de um, você do outro...

- Mas é preciso segurar o preso... Eu não posso!

- Não. Basta dizer: **Preso!**... Ele tem de se entregar.

- E se ele não quiser?

- Ora!... Você lavra um protesto com duas testemunhas e firmas reconhecidas no tabelião!... Lá vêm eles... Sentido, hein?

- Arnaldo... eu...

- Oh, bebê da minha alma! Não amola!

E o escoteiro, que se viu sozinho, pois Fábio era reconhecidamente inútil para o caso, resolveu-se e, abandonando o auxílio do camarada, quando os dois escoteiros se aproximavam, de regresso, preparou o bote.

Os dois meninos vinham já despreocupados:

- Foi ilusão tua, Manduca! Não viste nada!

- Pode ser! Entretanto eu continuo a dizer que...

- **Presos, todos dois!** Exclamou uma voz, rente ao chão.

E os dois escoteiros, estupefatos, sentiram as pernas presas num só abraço, e logo depois viram erguer-se, à sua frente, Arnaldo, que sorria e lhes dizia:

- Então camaradas? Estão fazendo o **passeio**? Passem os lenços para cá...

E foi arrecadando os dois lenços, que os outros lhe entregaram rindo-se.

- Eu não disse que tinha visto? Exclamou um dos prisioneiros.

- E onde é que você se meteu? Perguntou o outro a Arnaldo.

- Eu não me meti. Estava deitado, quando vocês passaram por cima de mim quase, e eu moita!... na moita de capim.

- Mas eu vi alguém cair e ficar deitado!

- Caiu sim! Fui até eu que o fiz cair. Está ali... É o meu ordenança!

- E o que faz ali deitado?

- Está vendo se as lanternas são elétricas ou de acetileno...

- Que lanternas?

- As lanternas dos vaga-lumes! Vamos, levante daí, bebê! Toma conta deste lenço, que é teu; eu fico com o outro.

- Fábio ergueu-se um pouco envergonhado e disse:

- Não. Você é que prendeu os dois. Fique com os lenços.

- Perdão! Não admito **repeniques**! Eu tenho procuração de você! E depois você estava em serviço!

- Pois então! Estava encarregado de fazer uma massagem no pé... de capim, que eu torci, quando me deixei cair...

Os dois prisioneiros deitaram-se a rir e, de boa vontade, deixaram-se conduzir para o posto de Arnaldo, que os apresentou ao seu chefe, atribuindo a Fábio a captura de um deles.

- Protesto! Disse o menino, lealmente. Eu não fiz nada!

- Cala a boca, mocinho! Você serviu de isca para a pescaria...
Lóóógo prendeu também!

E Arnaldo assoviou a marcha batida... mas, vedo que Fábio se afastava coxeando, foi atrás dele indagando:

- Estás capenga, bebê?

- Não é nada! Quando eu caí... dei uma torção no tornozelo...

- E não choraste?! Não disseste nada?! Andaste até aqui sem gemer? Oh!... Herói! Estás demitido de bebê! Senta-te aqui e dá cá o pé, meu louro!

O menino obrigou o camarada a sentar-se em uma raiz de árvore, e com infinitas precauções descalçou-lhe o pé machucado, tirou-lhe a meia e, delicada mas energicamente fez-lhe no tornozelo uma massagem, durante a qual Fábio, com os dentes cerrados não soltou sequer um ai! Os outros escoteiros assistiam à cena boquiabertos.

- Que novidade! Disse um. O Fábio não choraminga mais?!

- É que eu compreendi que a gente deve levar as coisas pelo lado bom... Arnaldo me ensinou como é que faz! Agora não gemo, nem choro mais! Estou demitido de bebê chorão!

- Bravos! Clamaram os companheiros. Viva o Fábio e o seu professor Arnaldo!

- É... mas... eu perdi o emprego! Lamentou-se Arnaldo.

- Como assim? Que emprego?

- O de ama-seca, pois não é?

Uma gostosa gargalhada acolheu a pilhéria, não sendo o Fábio o último que se riu...

ART 11º
“O escoteiro é econômico e respeitador do bem alheio.”

I

- Safa! Que tu sabes ser desperdiçador!
- Que quer dizer isso?
- Desperdiçador? Oh, homem! Pois não vê? Comes e jogas fora pedaços de pão e mortadela, ainda inteiros, quase.
- Não gosto de miolo nem de toucinho.
- Não é motivo para jogares fora! Guarda que logo encontrarás quem os queira...
- Quem é que vai querer os meus restos?
- Não são restos. São sobras. Quanto pobre ficaria feliz com isso que jogas no mato!
- Ora! Economia de migalhas... Serve para as formigas!

O diálogo se travara entre dois meninos, fardados de escoteiros, que sentados à sombra de uma árvore, na beira da estrada, almoçavam, sumariamente, pão, queijo e mortadela.

Os dois escoteiros haviam sido designados para efetuarem, juntos, uma prova de resistência para promoção de classe e tinham de caminhar ainda até a tardinha.

E ao passo que Salvador, econômico e previdente, comera o seu almoço, reservando um pouco para a merenda, o Simas, seu companheiro, estragava o que não queria comer, atirando para dentro

do mato as sobras; disso resultou que, findo o almoço, Simas sacudiu as mãos, fez uma bola de papel em que conduzira a bóia e jogando-a para o mato também, pôs-se de pé, sorveu uns goles de água de seu cantil, e saltando para o meio da estrada, declarou:

- Pronto!

Salvador guardara cuidadosamente as sobras do almoço, embrulhando-as em papel impermeável que em seguida atou com um barbante, pendurando o embrulhinho no mosquetão do cinto. Desalterou-se também no seu cantil e, calmamente, veio para a estrada dizendo:

- Toca a andar que ainda temos que bater uns sete ou oito quilômetros.

- Tanto assim? Indagou Simas

- Pois então? Tu atrasas sempre a marcha com uma porção de brincadeiras pelo caminho.

- Ora! Andar seguido... seguido!... É muito pau!

- Para que vieste, então?

- Para me divertir.

- Eu vim para cumprir um dever! E temos tempo marcado para chegar... logo, toca para a frente!

Os dois meninos estugaram o passo pela estrada deserta, batida de sol e, só de quando em quando ensombrada por alguma árvore à beira do caminho. Já haviam caminhado uns quatro quilômetros quando encontraram, sentado na valeta que acompanhava a estrada, um velhinho andrajoso que, súplice, lhes estendeu o chapéu, murmurando alguma coisa, que terminava em:

... pelo amor de Deus!

Simas respondeu sem parar:

- Deus o favoreça!

Mas Salvador acercou-se do velhinho e lhe disse:

- Dinheiro não tenho, meu velho, mas se aceita um pouco de comida...

- É o que eu peço meu menino! Não posso mais trabalhar, e desde ontem que não como...

- Tome. É tudo o que eu posso dar...

O menino despreendeu do mosquetão o embrulhinho de sua merenda, que entregou ao mendigo. Este recebeu a esmola, acumulando sobre a criança suas bênçãos agradecidas.

- Fique com Deus, meu velho. Eu tenho pressa! Adeus!

E Salvador apressou o passo para alcançar Simas, que se distanciara. Mais um quilômetro foi vencido pelos dois caminhantes, quando Simas, que até então se conservara calado, disse ao companheiro:

- Vamos parar um pouquinho naquela sombra?

- Dessa maneira, Simas, não chegamos no tempo marcado...

- Vai tu adiante!

- Sabes muito bem que é preciso que cheguemos ambos juntos, senão a prova não tem valor!

- E estou com fome, sabes?

- O que é que vai comer? Puseste fora as tuas sobras...

- Tu repartes comigo o que te sobrou.

- Não tenho mais nada!

- Comeste tudo? Eu não vi.

- Não comi. Dei àquele velhinho pobre que nos pediu esmola.

- Bonito! E agora?

- Agora o que? Eu não tenho fome.

- Mas tenho eu! Que maçada! E não tens dinheiro? Podia-se comprar em alguma vendinha pão e queijo...

- Não tenho. Esqueces que uma das condições da prova é não conduzir dinheiro

- Que raiva!

Os dois meninos continuaram, em silêncio, no mesmo passo.

De súbito, Simas teve uma exclamação de alegria. Abaixou-se e levantou do chão uma bolsinha, que abriu e onde encontrou um lenço e dinheiro. Contou rapidamente...

- Estamos bem! Quatro mil e seiscentos!

- Estamos não! Corrigiu Salvador. Eu não quero um vintém desse dinheiro que não nos pertence!

- Ora essa! Dinheiro achado não tem dono. É de quem o encontra.

- Pode ser; mas é preciso saber se esse não tem dono.

- Bobagem!

E Simas, deliberadamente, guardou a bolsinha, dizendo:

- Apareça agora uma vendinha e vais ver que orgia de pão com queijo! E sardinhas também!

II

Salvador, sem responder, firmou o passo na estrada, calculando a hora pela altura do sol, já em franco declínio. Mais uma hora de marcha e começaram a aparecer os indícios de aproximação da vila, para onde se dirigiam os escoteiros. Pequenas casas, disseminadas pelo campo, uma chaminé de fábrica, ao longe; o som argentino de um sino, e numa curva da estrada, surdiu a vendinha tão almejada pelo Simas.

- Já era tempo! Exclamou o menino. Estou com a barriga dando horas.

- Tu não vais gastar esse dinheiro, Simas! Observou Salvador.
- Ora essa! Que tem?
- Não te pertence.
- E quem é o dono?
- Não sei, mas sei que não é teu e nem meu, e é quanto basta!
- Bem. Eu faço um empréstimo. Se aparecer o dono, eu depois pago.

Salvador calou-se. Na estrada, em sentido contrário, caminhava uma menina de seus onze anos, descalça, pobremente vestida, que trazia, pendurada do braço, uma cesta e procurava alguma coisa pelo chão. Parecia chorar, pois tinha os olhos vermelhos e amiúde os enxugava com a manga da sua blusinha.

Simas passou por ela, apressando-se para alcançar a vendinha.

Salvador, porém, demorou o passo e enfrentando a pequena, perguntou:

- Perdeu alguma coisa?

A menina parou, acanhada e receosa, mas respondeu afirmativamente com a cabeça.

- O que foi? Indagou o escoteiro.

- Minha bolsinha com o lenço e o troco dos ovos que fui vender.

Se eu não achar, mamãe me bate!

- Quanto era?

- Quatro mil e seiscentos, de duas dúzias.

Salvador levou à boca o seu apito e silvou um trilo agudo, seguido de dois curtos. Simas parou na estrada e voltou-se. Salvador trilou então três silvos curtos: **acelerado!** Simas que, afinal, não era um indisciplinado, obedeceu e voltou a correr. A menina, atemorizada, afastou-se para a beira da estrada.

- Simas! Exclamou o menino, colocando as duas mãos nos ombros do companheiro e olhando-o nos olhos:

- Aquela menina vendeu duas dúzias de ovos por quatro mil e seiscentos... e perdeu a bolsinha com o dinheiro e o lenço. Se não achar a bolsinha, a mãe dela bater-lhe á...

Simas nem pestanejava. Dois segundos se passaram. Depois o menino sem baixar os olhos, que cintilavam, proferiu em voz pausada:

- Artigo décimo primeiro... Obrigado Salvador!

E desprendendo-se das mãos do camarada saiu a correr:

- Menina! Ó menina! Escute... não fuja!... Tome a sua bolsinha que eu encontrei.

A menina, que achara de bom alvitre correr, parou ao ouvir falar em bolsa, e esperou o escoteiro que agitava no ar a bolsinha. Simas entregou-lhe a bolsa e ia voltar, quando a menina lhe disse:

- Tome pra você...

E oferecia a Simas uma penca com oito ou dez bananas ouro, muito amarelinhas e perfumadas, que encheram de água a boca do menino. Mas, vencendo a tentação, Simas afastou a mão da menina, dizendo a sorrir:

- Obrigado! Não quero não...

- Posso dar porque são minhas!

Corando, o Simas murmurou:

- Segunda lição!

Em seguida fazendo à menina a saudação escoteira, rodou nos calcanhares e voltou para perto de Salvador, que o esperava. Aí, apertando o cinturão, disse prazenteiro:

- Toca a andar **seu** Salvador! Você está mole hoje! Vamos terminar o **ride**.

- Vamos! Exclamou radiante Salvador.

E abraçando o camarada, acrescentou:
- Achei o meu Simas! Toca! O finzinho é que custa!... e eu confesso que também estou com fome! Um! Dois! Um! Dois! Rataplan, do arrebol...

Simas emendou em duo:

- Escoteiros vede a luz!

Rataplan olhai o sol...

ART 12º

“O escoteiro tem a constante preocupação e o respeito a si mesmo.”

I

Durante a folga de – **tempo livre** – em um exercício de campo, quatro escoteiros, reunidos à sombra de uma árvore, conversavam animadamente, surdindo de momento a momento gostosas risadas, que bem denotavam o prazer que lhes causava o assunto da conversa. Tão entretidos estavam que só deram conta pela aproximação de outro escoteiro quando este já se achava a uns dez passos de distância.

Logo, porém, a animação cessou, e continuando embora a conversa, o diapasão das vozes baixou, as risadas se apagaram e cada

um procurou um disfarce para simular uma ocupação, tendo assim mudado o assunto da conversa.

O escoteiro, que se aproximava, vestido corretamente, tinha o olhar límpido e os traços da fisionomia serenos, que indicam a placidez do pensamento, isento de idéias suspeitas e preocupações escusas.

O sorriso brincalhão que lhe bailava nos lábios apagou-se ao perceber que os quatro companheiros se haviam perturbado com a sua chegada e um vinco profundo se lhe desenhou entre os supercílios, denotando intensa contrariedade.

Os quatro meninos, que em diversas posições se acolhiam à sombra da árvore, diferentes no aspecto fisionômico, tinham entretanto um certo ar de parecença, que lhes era emprestado pela similitude do desalinho dos uniformes, pelo pouco cuidado higiênico das unhas e dos dentes, dos cabelos, etc. e principalmente pelos ares desenvoltos em contraste com o velado dos olhares, nunca firmes; olhos pisados, faces abatidas, comissuras dos lábios repuxadas para baixo, estigmas certos dos meninos desonestos.

- Por que motivo vocês se calam sempre que eu chego? Indagou o escoteiro recém vindo que se chamava Lauro.

Nós não os calamos; aventurou um dos quatro sem levantar os olhos.

- Você que é muito desconfiado... Respondeu outro da mesma forma.

- Vocês estavam conversando e rindo com animação, tanto que eu vim para me rir também.

Houve um murmúrio entro os quatro, que não responderam.

- Vocês emudeceram? Então é que minha presença lhes desagrada!...

- Não é; disse um afinal. O Mário estava contando uma história...

- Pois continue que eu também gosto de ouvir!
- Qual! Você é todo atirado à seriedade... objetou Mário.

Houve um silêncio penoso. Depois, Lauro, cruzando os braços, ergueu o busto com um movimento viril e falou pausadamente:

- Vocês precisam deixar por uma vez esses costumes maus. Só conversam sobre assuntos sem decência, só contam histórias e anedotas que ofendem a moralidade! Imagino o que vocês hão de pensar e fazer! Isso não é digno de escoteiro. Vocês não se prezam? Não têm vergonha de se sujar continuamente com essas baboseiras?

- Para que há de estar você a pregar sermões, **frei** Lauro? Interrompeu o Mário. Quem é que lhe disse que nós estávamos contando indecências?

- Ninguém me disse. Eu vejo.
- Você é adivinho? Chasqueou o Jayme.

- Não sou, mas desafio a vocês quatro para olharem para mim, de frente, de cabeça erguida! Se vocês têm a consciência de que não estavam fazendo nada mal, não é difícil! Vamos, olhem para mim... e eu pedirei desculpas.

Os quatro meninos curvaram as cabeças, disfarçando.

- Isso é bobice! Disse um.
- Não amola Lauro! Acrescentou outro.

- Não olham! Afirmou Lauro. Não podem olhar! Fico triste, porque vejo que vocês, meus irmãos escoteiros não cumprem o artigo, talvez o mais importante do nosso Código! Por outro lado fico contente por ver que não tiveram a coragem de olhar para mim. Isso prova que vocês não são maus, não são cínicos! Coragem, camaradas! Joguem longe esses vícios sujos e inúteis e sejamos todos verdadeiros escoteiros!... Eu não estive aqui, compreendem?

Com esta promessa de silêncio e neutralidade, Lauro retirou-se em passo natural.

Alguns minutos decorreram em silêncio. Os quatro meninos não se falavam e evitavam que os olhares se encontrassem, como envergonhados uns dos outros; afinal, o Mário, talvez o mais perverso e viciado dos quatro, querendo mostrar independência, disse em voz mal segura:

- Este Lauro fala bem! Falou e não cuspiu!

A pilhéria, porém, não teve eco.

Os outros três nem sorriram sequer e, erguendo-se foram lentamente se afastando em diversas direções, como que vexados de se acharem juntos.

Mário deixou-se ficar um pouco; depois levantou-se, espreguiçou-se e estirando os braços resmungou:

Aquele frei Thomaz! Façam o que ele diz e não façam o que ele faz!... Vai-se ver: é um santinho do pau oco!

II

Dois dias depois Lauro foi procurado em casa por Jayme, que lhe disse:

- Lauro, eu e o Quincas estivemos ontem conversando e queríamos falar uma coisa com você...

- Pois falem! Onde está o Quincas?

- Teve vergonha de vir... Se você quisesse, vinha conosco.

- Onde está ele?

- Ficou esperando na jaqueira.

- É boa! Enfim!... Vamos até lá.

Os dois meninos se encaminharam para o ponto indicado; ali sob a árvore frondosa, o Quincas sentado em uma raiz esperava, e ao aproximarem-se os camaradas fez menção de se levantar, mas o Lauro calcando a mão no seu ombro lhe disse:

- O que é que pega, Quincas?... Vamos sentar... Sou todo ouvidos.

Quincas, porém, ruborizado, conservou-se calado.

- Vamos lá, desembucha. Porque tiveste vergonha de ir me procurar com o Jayme? Os dois queriam me falar, e agora que estou aqui, não dizem patavina! Que mistério é esse?

Jayme conservava-se de pé com os olhos pregados no chão, e Quincas, esgaravatando o solo com um pauzinho, silenciava também.

Então? Perguntou intimativamente Lauro. Vocês continuam calados?... Vou-me embora...

Depois atentando melhor no camarada, de cujo rosto corriam lágrimas abundantes:

- Que tens? Estás chorando Quincas? Fala! Conta tudo...

E passando o braço pelos ombros de Quincas puxou-o para si fraternalmente. O menino encostou a fronte ao ombro de Lauro e deu livre curso aos soluços que lhe oprimiam a garganta. Jayme sentara-se também, engolindo em seco.

- Mas é preciso que vocês falem! Eu não sou feiticeiro para adivinhar!...

- É que nós... Começou Jayme.

- Sim. Vocês, o que têm?

- Nós estamos arrependidos... e envergonhados... Queremos cumprir à risca o artigo doze do código...

- Pois então? Não é motivo para chorar! Pelo contrário, cara alegre! Joguem para trás o que já foi! Vida nova!... Será possível que vocês tenham ouvido o que eu disse outro dia?

- Foi isso mesmo, que você disse, que fez nós mudarmos... Mas...

- Mas o quê?

- Mas não temos força para esquecer... para fugir...

E Jayme curvava a cabeça cada vez mais.

- Ora essa! Exclamou Lauro. Ora, escutem! Vamos Quicas, enxuga essas lágrimas... Levanta a cabeça, Jayme. Coragem! Ouçam bem o que eu vou dizer: Desde que vocês queiram, vocês conseguem!

- Por mais que a gente faça...

- Que histórias! Diz cá uma coisa: quando você vai por um caminho cheio de lama, o que é que você faz para pisar no seco e não se enlamear?

- Procuo o lugar enxuto... Aventurou Jayme, animando-se.

- E para achar o lugar enxuto, você olha para a lama?

- Não. Olho para o seco!

- Pois aí está! Se você olhar sempre para a lama, não pode enxergar o lugar seco, não é assim? Pois é a mesma coisa. Quem sempre pensa e sempre fala em coisas más, indecentes, por força há de ficar sujo! É porque olha para lama! Agora o menino que olha para o seco, isto é, que só pensa em coisas boas, decentes, anda limpo! Vocês compreenderam?

- Mas às vezes são os outros que vêm conversar perto da gente essas coisas... Gemeu o Quincas.

- Pois sim, mas então a gente sai daquele lugar, não lhes presta atenção, diz que não quer ouvir, que tem mais o que fazer... Também às vezes passa uma carroça de lixo pela gente e respinga a nossa

roupa de sujeira... Não se pode evitar, mas limpa-se logo a roupa e a gente foge da carroça...

- Que bonito! Disse o Quincas, já reanimado. Agora entendi. Nós queremos ser limpos como você, Lauro. Mas é preciso que você nos ajude, não é Jayme?

- Isso mesmo é que nós viemos pedir a você...

- Pois contem comigo! Não queiram mais conversas bobas e quando tiverem pensamentos maus, lembrem-se logo da flor-de-lis!

- Da flor-de-lis e de você! Exclamou Quincas

- E se o Mário continuar a nos perseguir? Perguntou Jayme.

- Se ele vier com conversas vocês fujam de ficar a sós com ele.

- E se não for possível? Às vezes o chefe ordena serviços a dois e a três. Imagina se ele destaca o Mário com um de nós?!

- Vocês declaram com firmeza que não vão! E se o chefe perguntar por que, vocês respondam que o Mário sabe a razão.

- E se ainda assim ele insistir?

- Vocês digam ao chefe que eu – Lauro – proibi vocês de andarem com o Mário.

- Bravo! Assim sim!

Jayme saltou ao pescoço do camarada, a quem por sua vez Quincas apertou com força as mãos.

Dentro de um mês o impertinente Mário, verdadeiro micróbio do mal, era obrigado a se retirar do grupo, porque já nenhum escoteiro lhe dirigia a palavra e todos se recusavam a servir com ele.

O chefe teve a explicação pelo Lauro e aprovou esse **boicote**, que deu em resultado ficar o grupo purificado daquele elemento pernicioso e dissolvente de costumes. O terceiro escoteiro do grupinho de Mário, também o abandonara por conselho de Jayme e Quincas.

Hoje, todos os escoteiros praticam conscienciosamente o art. 12 do Código, que os fortalece moral e fisicamente para a luta viril e pura, em que o homem há de vencer a matéria pelo espírito e a impureza pela vontade!

O que a todos vós deseja o vosso velho amigo:

B.CELLINI.